

INÊS DE ALMEIDA BORGES

VIOLÊNCIA NO NAMORO E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS EM JOVENS
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2016

INÊS DE ALMEIDA BORGES

VIOLÊNCIA NO NAMORO E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS EM JOVENS
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2016

III

INÊS DE ALMEIDA BORGES

Ass. _____

VIOLÊNCIA NO NAMORO E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS EM JOVENS
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Criminologia, sob a orientação das Professoras Doutoradas Sónia Caridade e Laura Nunes.

Aos meus Pais

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Às Professoras Doutoradas Sónia Caridade e Laura Nunes, pela disponibilidade, atenção dispensada, exigência, dedicação e profissionalismo, um muito Obrigada;

Aos meus queridos pais, por tudo o que fazem por mim todos os dias, a eles devo-lhes muito! Por estarem presentes e me apoiarem em todas as situações e nunca me deixarem desmoralizar e quererem sempre o melhor para mim. Muito obrigada por todo o vosso amor e apoio incondicional;

À minha irmã Marta, por todo o incentivo, apoio, amizade e paciência, obrigada;

Ao Manú, meu namorado, por todos estes anos de carinho, de força, de amizade e compreensão, que eu tanto gosto e preciso. Por acreditar que eu consigo, mesmo quando eu não o faço, um obrigada por tudo;

Aos meus avós por todo o amor e carinho;

À minha amiga Soraia, por todos estes anos de amizade, companheirismo e incentivo. Por toda a força que me transmite;

À minha amiga Rachel, por estes 5 anos de amizade que para mim valem pela vida toda; pelo teu positivismo e coragem;

À minha amiga Mariana, que está sempre disposta a ajudar e fazer críticas construtivas.

Resumo

A violência no namoro assume-se como uma problemática social dos dias de hoje e a qual interfere com a vida de muitos jovens. De igual modo, é sabido que o consumo de substâncias entre estudantes universitários também é uma realidade atual. Face a estas evidências, impõe-se a necessidade de analisar a relação entre os consumos e a violência no namoro, e que de resto tem sido já documentada por diversos estudos internacionais. Face à ausência de estudos nacionais que procurem analisar esta relação, o presente estudo insurge-se para colmatar esta lacuna e assim perceber qual a relação entre a violência ocorrida nas relações de intimidade juvenis e os consumos. Para tal, foi administrado o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos - QVAC, através da plataforma *online* – Google Docs, a uma amostra de 376 jovens universitários (68.9% do sexo feminino e 30.9% do sexo masculino), com uma média de idades de 21.93 (D.P.= 2.51), que admitiram estar ou já terem estado envolvidos numa relação amorosa. Os resultados revelaram que no conjunto dos participantes que referiram estar envolvidos em relações amorosas, 24.5% revelou já ter sofrido algum tipo de abuso e 19.4% admitiu ter perpetrado algum tipo de violência. No que diz respeito aos consumos de substâncias, 34.8% admitiu já ter consumido algum tipo de droga pelo menos uma vez na vida. As análises de associação efetuadas não demonstraram ser estatisticamente significativas. Ainda que os resultados obtidos no presente estudo não nos permitam afirmar que exista algum tipo de relação entre o consumo de drogas e a violência no namoro, foram apurados níveis de prevalência da violência e de consumos algo alarmantes e que denunciam a necessidade de se continuar a prevenção quer deste tipo de abuso, quer dos consumos junto dos jovens universitários, conhecidos que são os seus efeitos nefastos a diferentes níveis.

Palavras-chave: Violência no namoro; consumo de substâncias; relações íntimas, jovens universitários.

Abstract

It is assumed that dating violence is a social issue of today that interferes with the lives of many young people. Similarly, it is known that substance use among college students is also a present reality. In face of this evidences, there is a need to analyze the relationship between consumption and dating violence, which has already been documented by several international studies. In the absence of national studies that seek to analyze this situation, the present study pretends to bridge this gap and thus realize the relation between the violence in juvenile intimate relationships and consumption. For such purpose, it was administered the Questionnaire on Experiences Loving Abusive and Consumption – QVAC through the online platform Google Docs, to a sample of 376 university students (68.9% female and 30.9% male) with a mean age of 21.93 (SD = 2.51), who admitted to being or have already been involved in a relationship. The results revealed that in the group of participants who admitted to being involved in a romantic relationship, 24.5% admitted to have suffered some sort of abuse and 19.4% revealed to have adopted/perpetrated some kind of violence. With regard to the consumption of substances, 34.8% admitted having used some kind of substance at least once in the lifetime. The association analyses performed have not shown to be statistically significant. Although the results obtained in this study do not allow us to state that there is some kind of relationship between the drug abuse and dating violence, the levels of dating of present violence and consumption found are alarming and denounce the need to continue the prevention on this type of abuse and on the consumption among university students, since the damage effects at different levels are quite well known.

Key-words: Dating violence; substance abuse; intimate relationships; university students.

ÍNDICE

Introdução.....	1
PARTE A- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo I:Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?	
1. Violência no namoro.....	4
1.1. Conceito de violência no namoro e enquadramento legal	4
1.2. Prevalência e tipologia da violência	5
1.3. Fatores de risco para a violência no namoro.....	9
1.4. Consequências e impacto.....	13
2. Consumo de Drogas.....	15
2.1. Conceito e classificação das drogas.....	15
2.2. Processos de envolvimento nos consumos de drogas e fatores implicados.....	17
2.2.1. Predisposição para o consumo de drogas	17
2.2.2. Fatores potenciadores do consumo de drogas	18
2.2.3. Processos de envolvimento nos consumos de drogas.....	21
3. Violência, crime e drogas	22
3.1. Explicação causal, estrutural e processual	22
3.2. Violência no namoro e consumo de drogas	26
PARTE B - COMPONENTE EMPÍRICA	31

Capítulo II: Estudo Empírico

1.	Objetivos do estudo	32
2.	Método	32
2.1.	Amostra.....	33
2.2.	Instrumentos.....	34
2.3.	Procedimentos.....	35
2.4.	Tratamentos dos dados.....	36
3.	Apresentação dos resultados	36
3.1.	Caracterização das vivências íntimas abusivas dos jovens.....	36
3.2.	Caracterização dos consumos de substâncias por parte dos jovens	38
3.3.	Relação entre vivências íntimas abusivas e consumos de substâncias	42
3.4.	Percepções dos participantes sobre a violência	43
4.	Discussão dos resultados	44
5.	Considerações finais	48
6.	Referências.....	50

Índice de Anexos

Anexo I – Protocolo de Investigação

Anexo II - Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos - QVAC

Introdução

A violência nas relações de namoro tem vindo a adquirir grande visibilidade científica e social, sendo considerada como um dos maiores problemas sociais, que afeta muitos jovens. A investigação nesta área comprova que a violência no namoro é também um fenómeno transversal às diversas culturas e etnias (Caridade, 2011), tornando-se necessário agir o mais rápido e precocemente possível, procurando compreender melhor este fenómeno para o combater. Tendo em conta que o consumo de drogas entre estudantes universitários é também uma realidade atual pretendemos estudar a relação entre estes dois fenómenos.

Os estudos sobre a violência no namoro foram descurados durante algum tempo principalmente devido aos obstáculos existentes até chegar aos jovens menores de 18 anos, pois necessitam de autorização dos pais para participarem em qualquer estudo e pelo facto de legalmente não haver um estatuto para as relações de namoro. Todavia, em 1981, Makepeace (citado por Caridade & Machado, 2013) desenvolveu a primeira investigação sobre o tema, revelando dados preocupantes em que um em cada cinco estudantes universitários era vítima de violência no namoro. Após este estudo pioneiro, a comunidade científica começou a dar mais importância a esta problemática e a desenvolver novos estudos sobre a mesma através de inquéritos de vitimação ou de autorrelatos.

Por sua vez, um estudo longitudinal desenvolvido por Pope, Ionescu-Pioggia e Pope (2001), revelou que ao longo de 30 anos o consumo de álcool por parte de alunos universitários se manteve estável, contrariamente ao consumo de drogas ilícitas que obteve algumas oscilações, sendo que em todas elas o consumo aumentou nos primeiros 10 anos de estudo e caiu drasticamente nos últimos 20 anos de estudo, com a exceção do consumo de MDMA, onde se verificou um crescimento nos últimos anos, tornando-se na segunda droga ilícita consumida mais frequentemente, tendo em conta que a marijuana era a primeira.

Ainda no âmbito do consumo de drogas, Silva, Malbergier, Stempluk e Andrade (2006), desenvolveram um estudo onde 84.7% dos jovens assumiram consumir álcool e

cerca de 28.4% (36.8% do sexo masculino e 23% do sexo feminino) verbalizaram o consumo de drogas ilícitas, sendo a marijuana (19.7%) mais uma vez a droga mais consumida, seguida de inalantes (17.3%) e dos alucinogénios (5.25).

Importa referir que o álcool surge na literatura da especialidade como sendo a substância que tem sido mais estudada quando se procura conhecer a relação entre violência no namoro e consumo de drogas, defendendo-se que esta poderá potenciar o comportamento agressivo. Assim, a literatura tem vindo a revelar que os homens dependentes do álcool são mais propícios a cometer agressões físicas e sexuais, contrariamente aos que mantêm um consumo regular, que praticam essencialmente agressões psicológicas. Relativamente às mulheres sob influência de álcool, estas tendem sobretudo a praticar agressões físicas (Shorey, Stuart, & Cornelius, 2011). No que diz respeito à vitimação, tem também sido documentada uma relação entre o álcool e a violência, uma vez que em grande parte desta, quer na física, quer na psicológica, ambos os sexos estão sob influência de álcool, o que nos levar a concluir que o consumo de álcool é um fator de risco para a vitimação (Shorey et al., 2011).

Considerando o anteriormente referido e, atendendo à escassez de estudos neste âmbito no contexto português, a presente investigação pretende conhecer e caracterizar as vivências íntimas abusivas dos jovens universitários e eventuais experiências de consumos de drogas por parte dos jovens. De forma mais específica, pretende-se: analisar a relação entre a experiência e perpetração de violência íntima e os consumos de substâncias por parte dos jovens.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes, sendo a primeira relativa à componente teórica sobre a temática e a segunda referente ao estudo empírico. Deste modo, o enquadramento teórico abordará os vários conceitos de violência e de drogas, bem como o enquadramento legal da violência, fatores de risco inerentes à violência, consequências e por último a relação entre o consumo de drogas e violência no namoro. No que concerne ao estudo empírico, serão explanados os seus objetivos, gerais e específicos, a metodologia, o método, os participantes e amostra, instrumentos e procedimentos da investigação, seguidos do tratamento de dados.

PARTE A- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

1. Violência no namoro

1.1. Conceito de violência no namoro e enquadramento legal

A violência no namoro define-se como “um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação” (APAV, 2015).

Deste modo, a violência no namoro ocorre quando um ou ambos os parceiros praticam um ato abusivo no seio da sua relação, tendo como objetivo controlar, dominar e exercer maior poder sobre a outra pessoa. Pode ocorrer através de agressões físicas, psicológicas ou sexuais entre parceiros (Shorey et al., 2011).

É de salientar que violência no namoro não surge apenas entre casais de heterossexuais, isto é, pode também ocorrer numa relação homossexual, sendo que, nestes casais existe um tipo de violência que é mais comum, o *outing* (intimidação que um dos elementos do casal exerce sobre o outro, ameaçando divulgar a sua opção sexual aos demais) (Costa, Machado, & Antunes, 2006).

No que diz respeito ao seu enquadramento legal, a violência no namoro pode ser considerada como crime, podendo tipificar o artigo 152º - Violência Doméstica- número 1, alínea b do Código Penal, que nos diz que “quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais, a uma pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação, é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal”.

Importa ainda referir que são contemplados como violação de bens jurídicos ligados à violência doméstica/namoro os crimes de injúria; difamação; homicídio qualificado; ofensas à integridade física qualificada; ameaça; coação; sequestro e violação.

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

1.2. Prevalência e tipologia da violência

Durante vários anos a investigação científica centrou-se no casamento e/ou união de facto, desvalorizando outros contextos relacionais, como são as relações de namoro e a violência que dentro delas existia. Foi apenas na década de 1980 que Makepeace desenvolveu o primeiro estudo sobre a violência existente numa relação de namoro, no qual é chamada a atenção para a prevalência da violência nas relações íntimas dos estudantes universitários (citado por Caridade & Machado, 2013). Foi então a partir deste estudo pioneiro que se iniciaram estudos sobre o fenómeno da violência nas relações juvenis de intimidade pela comunidade científica internacional, em que a grande maioria dos mesmos se foca na violência física, não havendo muitos sobre a agressão psicológica. A agressão sexual nas relações de intimidade tem sido alvo de grande atenção por parte da comunidade científica (Caridade & Machado, 2013).

Os estudos desenvolvidos a nível nacional entre jovens demonstraram que uma percentagem significativa de estudantes adota condutas violentas no contexto das suas relações de namoro (Paiva & Figueiredo, 2004). Segundo Machado, Matos e Moreira (2003), relativamente ao contexto das suas relações íntimas: 15.5% referiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 21.7% referiram que já tinham adotado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros amorosos. Um estudo conduzido por Oliveira (2009) concluiu que 37.6% dos indivíduos inquiridos já tinha tido um comportamento violento para com o seu parceiro, sendo que do total dos agressores, 27 eram do género feminino e 23 do género masculino. Relativamente à vitimação, 42.9% já tinham sido vítimas de comportamentos abusivos (35 do género feminino e 22 do género masculino). Já em 2010, Machado, Caridade e Martins, verificaram a existência de indicadores significativos de vitimação (25%) e agressão (30%) em jovens de diferentes contextos formativos e diferentes zonas geográficas do país. Um estudo realizado pela UMAR (União de Mulheres Alternativas e Resposta) em 2013 revelou que 35% (12% vítima de violência verbal, 8% vítima de violência psicológica e 4.5% vítima de violência física) dos jovens já tinham sofrido algum tipo de violência na sua relação de namoro.

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Desta forma, é de salientar que ao longo das relações de namoro sucedem-se formas díspares de violência, sendo que os comportamentos físicos e sexualmente abusivos podem ser acompanhados por insultos verbais, envolvendo sempre alguma forma de violência psicológica. A violência tanto pode ser pontual, como também pode ser diária ou cíclica, ou seja, podem existir períodos onde há muitas agressões, tal como o contrário (Matos, 2002).

Os comportamentos violentos mais frequentes nas relações de namoro são: os verbais (insultos, difamações, humilhações e gritos), os psicológicos (partir ou danificar deliberadamente objetos com a intenção de causar medo) e os físicos de menor dano para a vítima (empurrões e bofetadas). Já os comportamentos menos comuns são aqueles em que a violência física é mais severa tais como: apertar o pescoço, dar murros, pontapés ou cabeçadas; bater com a cabeça da vítima contra a parede ou contra o chão; ameaçar recorrendo a armas e/ou forçar a prática de atos sexuais sem o consentimento do parceiro (Lourenço & Carvalho, 2001).

Importa realçar que embora ocorram em maior número formas menos graves de violência entre parceiros nas relações de namoro, não significa que não surjam experiências abusivas mais severas (verbal, psicológica, relacional, física e sexual), sendo estas geralmente predictoras de comportamentos violentos mais gravosos (Caridade & Machado, 2006).

Do mesmo modo que é relevante salientar que ao longo das relações de namoro, comportamentos violentos dos agressores são vistos pelas vítimas como sendo passageiros e não como um sinal de que este pode tornar-se cada vez mais agressivo e cruel com elas próprias (Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes, & Dias, 2010).

A violência física caracteriza-se pelo uso da força com o intuito de magoar o outro, física ou psicologicamente, causando ferimentos ou danos, podendo ou não deixar marcas visíveis (Leen, Sorbring, Mawer, Holdsworth, Helsing, & Bowen, 2013; Saltzman, Fanslow, McMahon, & Shelley, 2002). Os comportamentos que representam este tipo de violência são os empurrões, murros, bofetadas, pontapés, arranhões, puxões de cabelo ou agressões com outro tipo de armas (brancas ou de fogo). É de salientar que estes maus-tratos podem, em casos extremos, necessitar de cuidados e tratamentos

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

hospitalares ou resultar em suicídio ou homicídio. Muitas pessoas tentam esconder que são vítimas de maus-tratos físicos, por vergonha, medo e outras razões, no entanto, estes podem ser descobertos através da presença de contusões, feridas, queimaduras, fraturas, cortes e lesões internas (Lourenço & Carvalho, 2001).

Um estudo (Dixe et al., 2010) demonstrou que para os estudantes (98% do sexo feminino e 100% do sexo masculino), o tipo de violência mais praticada na relação de namoro é a física. Ainda neste estudo, o *stalking* (comportamento de assédio persistente) é o comportamento menos utilizado (12.5% sexo masculino e 4.8% sexo feminino). No que diz respeito às consequências, ao nível da violência física, as mais apontadas foram os hematomas (32%) e fraturas (32.3%). Já as da violência psicológica foram a depressão (45.7%) e a baixa autoestima (17.7%) (Dixe et al., 2010).

Relativamente à prevalência da violência, 9.1% dos participantes do estudo revelaram que foram vítimas de violência (Dixe et al., 2010). Os elementos do sexo masculino foram vítimas de violência física e psicológica, tal como os do sexo feminino, no entanto surgiu também a violência sexual neste caso. Esta é a passagem ao ato sem o consentimento do outro e que tem consequências severas, uma vez que todo o ser da pessoa é atingido. São deixadas várias marcas na vítima, não só físicas (ferimentos, infeções sexualmente transmitidas e gravidezes não desejadas) como também psicológicas, que, por vezes, são as mais difíceis de ultrapassar, tendo em conta que muitas das vezes as vítimas são coagidas pelo agressor. A violência sexual ocorre quando um dos elementos intimida, ameaça e/ou faz uso da força física com a finalidade de forçar o outro a uma interação sexual mesmo que este não o queira (Leen et al., 2013; Saltzman et al., 2002). Pode ainda forçar o outro através da persistência, insistência e/ou da ameaça de terminar a relação ou de procurar outra pessoa para ter relações sexuais.

As relações sexuais não desejadas podem ser praticadas tanto por um conhecido, familiar ou desconhecido. Os maus-tratos sexuais principais são as violações genitais, anais e orais. São também frequentes toques não desejados, beijos forçados, pontapés em partes sensíveis e vulneráveis, coação para praticar relações sexuais com terceiros e em grupo, penetração vaginal ou anal com a mão ou com objetos nomeadamente garrafas e paus. Entre os comportamentos sexualmente violentos encontram-se os

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

beijos, as carícias e a prática forçada de atos sexuais com coito vaginal, anal e/ou oral através do uso da força física, da coação contra a vontade do outro (Oliveira, 2004).

A violação acarreta uma carga emocional muito grande e, por isso mesmo, a vítima desenvolve sentimentos de vergonha, nojo e culpa (Walker, 1994), constituindo um crime punível por lei. Considera-se ainda violência sexual, o abuso, a violação, bem como o assédio sexual. Importa salientar que este tipo de violência é bastante difícil de comprovar, salvo os casos onde existem lesões físicas (Oliveira, 2004). A prevalência de vitimação sexual é superior em elementos do sexo feminino, embora seja um tipo de violência menos frequente, comparativamente à violência física e verbal (Leen et al., 2013).

No caso das relações sexuais forçadas no seio das relações de namoro, estas normalmente estão relacionadas com a má imagem do corpo, baixa autoestima, depressão e ideação suicida (Alleyne, Coleman-Cowger, Crown, Gibbons, & Vines, 2011). Contudo, importa salientar que a violência psicológica é a mais prevalente em todos os casos (Dixe et al., 2010). Este tipo de violência ocorre quando um dos intervenientes da relação comunica verbalmente ou não com a intenção de magoar psicologicamente e amedrontar o outro. A violência psicológica caracteriza-se pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, punições exageradas, isolamento, culpabilização, ameaças de abandono, gritos e insultos (Leen et al., 2013; Saltzman et al., 2002). São muito comuns as seguintes situações neste contexto: danificar propositadamente objetos, atirando-os para o chão, ou chegando ao ponto de estragar também a roupa do outro intencionalmente; acordar deliberadamente o parceiro durante a noite, com mensagens escritas ou chamadas telefónicas; controlar as movimentações e atividades, ou seja, seguir o parceiro para o local de ensino/de formação/de trabalho e manipular o outro para provocar medo relativamente a um possível término da relação, ignorando a sua presença e não comparecendo aos compromissos que têm em comum (APAV, 2011).

Consequentemente, a vítima pode entrar em depressão, uma vez que se sente inferiorizada e é alvo de constantes agressões verbais por parte do agressor, sentindo-se cada vez mais diminuída, sozinha e sem qualquer tipo de apoio, podendo chegar ao extremo de cometer suicídio (Lourenço & Carvalho, 2001).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Este tipo de violência é, muitas vezes, igual ou pior do que a violência física, embora não deixe marcas visíveis, destrói por completo emocionalmente a vítima, sendo que a sua autoconfiança e autoestima são totalmente abaladas (APAV, 1998).

Fatores económicos, emocionais e sociais, são alguns dos que tem influência nas agressões psicológicas. O nível de gravidade destes abusos varia conforme o grau de violência exercido sobre a vítima (Lourenço & Carvalho, 2001).

A violência no namoro é portanto, uma realidade que devemos encarar como uma grande preocupação para a saúde pública, pois acarreta diversas consequências quer a curto, quer a longo prazo, sendo por isso necessário intervir no sentido de alertar os jovens/jovens adultos do que é e não é saudável numa relação de namoro (Temple & Freeman, 2011), exemplo disso é a violência relacional. Esta é pautada pela tentativa de um dos parceiros arruinar ou impedir o contato com pessoas importantes da rede social, prejudicando a qualidade e quantidade das interações sociais, através de rumores pejorativos junto da rede de amigos, do controlo e restrição ou proibição de estar com outras pessoas (controlar as mensagens/chamadas recebidas e enviadas/efetuadas; consultar o endereço eletrónico e aceder às redes sociais sem a sua autorização; desaprovar e/ou impedir as saídas com determinadas pessoas; proibir a utilização do telemóvel na sua ausência), provocando assim um sofrimento atroz ao outro (Leen et al., 2013; Saltzman et al., 2002).

1.3. Fatores de risco para a violência no namoro

Embora as investigações na área da violência no namoro tenham aumentado, são escassos os estudos que ao nível nacional procuram identificar os fatores que potenciam esta mesma violência. Contudo, existem algumas perspetivas que procuram ajudar a compreender melhor a violência ocorrida nas relações íntimas juvenis através da identificação dos respetivos fatores de risco. Deste modo, surgiram primeiramente as perspetivas intra-individuais que se focam nas vivências precoces de violência dos indivíduos, isto é, à exposição à violência interparental e/ou abuso sexual na infância, juntamente com outros fatores situacionais como o consumo de álcool e conflitos relacionais (Sugarman & Holding, 1989, citados por Caridade & Machado, 2013).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Seguidamente, as perspetivas diádicas-familiares, dizem-nos que é o ambiente em que cada indivíduo se encontra que determina o comportamento do mesmo, no caso da família, este observa todos os comportamentos e atitudes desta e terá uma grande probabilidade de os reproduzir (Foo & Margolin, 1995, citados por Caridade & Machado, 2013). Caso esteja exposta a prática abusivas, pode vir a adotá-las ou a aceitar a violência no futuro. Por último, de acordo com perspetivas feministas, os atos violentos praticados no seio de uma relação de namoro advêm de um vasto agregado de valores patriarcais institucionais de vários níveis: macrossocial, onde se encontra o sistema legal, as instituições e estruturas sociais; intergeracional, através dos valores transmitidos de geração em geração; cultural, onde os *media* desempenham um papel fundamental na reprodução e reforço dos valores patriarcais e individual (onde o indivíduo reproduz os valores patriarcais incorporados no seu dia-a-dia) (Marin & Russ, 1999, citados por Caridade & Machado, 2013).

De acordo com Caridade (2011) os fatores de risco para a violência no namoro, podem ser distribuídos em diferentes categorias: familiares, ambientais, sóciodemográficos, intrapessoais, interpessoais e situacionais.

Assim, o ambiente familiar, bem como o seu funcionamento, a ausência de práticas educativas adequadas, o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas são alguns dos fatores de risco identificados para a ocorrência de violência no namoro (Dahlberg, 1998, citado por Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003). Também o abuso de álcool ou outras drogas promovem os comportamentos violentos numa relação de intimidade, tal como os aspetos não violentos dos conflitos interparentais, ligados com violência interparental, que são tidos como preditores de comportamentos violentos, físicos e verbais, nas relações de namoro (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000; Tschann, Passh, Flores, Marin, Baisch, & Wibbeisman, 2009).

Embora as vítimas de violência no namoro sejam tanto do sexo feminino como do masculino, o risco de vitimação varia consoante o tipo de violência experienciada. Deste modo, tem sido documentado que o género feminino é mais propício a sofrer maiores danos físicos, com impacto psicológico, bem como violência sexual, do que o género masculino (Caridade & Machado, 2008).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Os fatores de risco familiares dizem respeito à observação da violência interpaparental, das práticas parentais inadequadas e do abuso sexual na infância (Caridade, 2011). As relações familiares, especialmente entre pais e entre pais e filhos, influenciam a capacidade de regulação das emoções, o comportamento e as expectativas sobre o significado das relações interpessoais, dado que crianças que receberam bons cuidados, carinho e cresceram num bom ambiente familiar fortalecem a expectativa de que as suas necessidades serão satisfeitas através de relações interpessoais e terão maior capacidade de lidar de forma adaptativa com emoções negativas (Carlson & Sroufe, 1995). Já as crianças que viveram experiências de rejeição ou abusos têm tendência para apresentarem comportamentos hostis na resolução de problemas.

Já os fatores de risco sociodemográficos, tal como o nome indica dizem respeito à idade, género, etnia, nível socioeconómico, área de residência e práticas religiosas). Assim, a idade em que um indivíduo presencia ou experiencia uma situação de abuso (físico ou emocional) pode ser determinante no impacto que essas mesmas agressões terão em futuros relacionamentos de intimidade. Os abusos ocorrem normalmente com adolescentes mais velhos, onde existe um maior compromisso e seriedade nas relações que é maior o risco de vitimação e também pelo facto de favorecerem a socialização com o sexo oposto (Lee & Hoaken, 2007).

Os fatores de risco ambientais são referentes às características dos grupos de pares e da observação da violência na comunidade. A união com pares desviantes e o relacionamento com pares com experiências de violência no namoro, potencia o risco para a vitimação nas relações de namoro. No caso dos rapazes é frequente o envolvimento em comportamentos agressivos e violentos com o seu grupo de pares, nomeadamente o *bullying*. Contudo, o isolamento social em relação ao grupo de pares, família ou escola resulta no empobrecimento dos contatos sociais e do suporte que os mesmos podiam fornecer, são fatores de risco para a vitimação no contexto das relações de namoro (APAV, 2011).

Por sua vez, nos fatores de risco intrapessoais encontram-se os sintomas depressivos e comportamentos suicidas; a baixa autoestima (principalmente no sexo feminino); o envolvimento em condutas de risco ao nível do consumo de substâncias e

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

em comportamentos sexuais de risco (iniciação precoce da sexualidade; parceiros sexuais múltiplos; relações sexuais desprotegidas, quer pela ausência de utilização de métodos contraceptivos, quer pela inexistência de métodos preventivos da transmissão de infeções sexualmente transmissíveis) e comportamentos alimentares desajustados, como por exemplo a indução do vômito e/ou ingestão de laxantes para regular o peso (sexo feminino) (Alleyne et al., 2011).

Nos fatores de risco interpessoais, podemos encontrar fatores como a longevidade do relacionamento; um relacionamento sério, assumido perante os outros, envolvendo um compromisso mútuo, aumentando a tolerância perante os comportamentos violentos que possam surgir em situações de crise, como desentendimentos e discussões; a falta de experiência relacional, ou seja, tipicamente sentida em jovens que iniciam as suas primeiras relações amorosas; o maior número de relações amorosas, bem como a maior experiência sexual por parte do parceiro vitimado; a insatisfação face ao relacionamento, nomeadamente do sexo feminino; os conflitos e instabilidade do relacionamento, muitas vezes associados às dificuldades de comunicação entre os parceiros; o medo da possibilidade de término da relação e por último, perpetração de condutas violentas contra o parceiro (APAV, 2011).

As relações de namoro que se encontram em fases iniciais podem, apresentar padrões de relacionamento violentos que se podem atribuir à falta de experiência noutras relações, não sabendo o que é ou não uma relação saudável. Já nas relações de namoro mais duradouras, onde o compromisso e intimidade são maiores, é frequente existirem atos violentos entre ambos os parceiros devido aos conflitos que surgem ao longo da convivência a dois. Numa relação de namoro não só podem acontecer agressões verbais, como também podem ocorrer físicas, sexuais ou de outro tipo. Geralmente a violência física sucede-se após a violência verbal, sendo que o objetivo comum da violência no namoro é magoar, humilhar, controlar e assustar o outro, independentemente do tipo de violência exercida (APAV, 2011).

O isolamento e controlo são apenas alguns dos fatores de risco relacionais atribuídos à violência no namoro. O primeiro ocorre quando um dos elementos da relação faz tudo o que está ao seu alcance para isolar socialmente o outro, através da

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

privação de contato com os amigos e interações sociais. O segundo surge quando há uma assimetria de poder entre o casal, ou seja, todas as decisões são tomadas por apenas um dos parceiros e não em conjunto, potenciando o risco de vitimação àquele que não “tem o direito” de expressar a sua opinião, submetendo-se à vontade do namorado/a. Tendo em conta que as raparigas apresentam elevados números de tolerância à adoção de uma posição de submissão no seio das suas relações, podemos dizer que são mais vulneráveis a viverem uma relação de namoro abusiva (APAV, 2011).

Por último, (atendendo ao objetivo o presente trabalho), no seio dos fatores situacionais ou contextuais encontra-se consumo de álcool e/ou drogas, que serão desenvolvidos num tópico mais à frente.

1.4. Consequências e impacto

Todas formas de violência ocorridas nas relações de intimidade deixam marcas visíveis ou invisíveis na vítima, sejam eles de que natureza for. Estas consequências possuem efeitos adversos e podem ser a curto ou a longo prazo (Glass et al., 2003). Associados à violência no namoro estão também os problemas de saúde física e mental, uma vez que as vítimas têm tendência a serem depressivas e com níveis de ansiedade muito elevados (Shorey et al., 2011).

Tal como já foi referido anteriormente, a violência psicológica é aquela que, de todos os tipos de violência que podem ocorrer numa relação, é a pior, pois deixa marcas muito profundas na vítima, uma vez que é, por diversas vezes, exercida diariamente e sobre forma de ameaça (Coker & Davis, 2001). Também as suas consequências são bem mais gravosas do que no caso da violência física, podendo ocorrer ao nível biopsicológico (Manita, 2005).

Relativamente à violência física, a maioria das vítimas são do sexo feminino, embora, cada vez mais surjam casos de vítimas do sexo masculino (Shorey et al., 2011). Cerca de 9% a 32% das pessoas que mantiveram uma relação de namoro relataram terem sido feridas fisicamente no âmbito da mesma, sendo que as lesões mais comuns são as da cabeça e genitais, ossos partidos, arranhões, entorses, contusões e mordidas.

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Nos casos mais graves, as vítimas podem ser mortas pelos seus parceiros (Rothman, Reyes, Johnson & LaValley, 2012). As mulheres vítimas de violência no namoro são também mais propensas a sofrerem outro tipo de agressão, isto é, a envolverem-se noutros comportamentos de risco. No caso dos elementos do sexo masculino, aqueles que transportavam armas consigo, que tinham mais tendência para se envolverem em atos agressivos e que tentaram o suicídio eram mais propensos a relatarem violência no namoro. Não obstante, os homens que admitiram ser vítimas de violência no namoro, apresentavam um grande sofrimento, sentindo-se tristes e desesperados emocionalmente (Alleyne et al., 2011).

Como já foi referido anteriormente, estas consequências podem ser de dois tipos: a curto prazo, onde se encontram as reações emocionais (medo, raiva, isolamento e mal-estar emocional), bem como queixas somáticas, tais como insónia, dores de cabeça, problemas gastrointestinais e dor pélvica e por fim sequelas físicas (ossos partidos e concussões vaginais); e a longo prazo em relação à violência sexual, nomeadamente: depressão, disfunção sexual, abuso e dependência de drogas e álcool, sintomas de *stress* pós-traumático e sintomas dissociativos. Nos casos de violência física e psicológica, incluem-se: depressão, elevada desconfiança em relação aos membros do sexo oposto, hiper-vigilância aos sinais de controlo e baixa autoestima (Lloyd & Emery, 1993).

O impacto da violência nas vítimas depende de um conjunto de fatores que podem agravar ou atenuar os seus efeitos. Assim, o historial de vitimação, a frequência, a duração e a gravidade dos atos de violência, a proximidade ofensor-vítima e os tipos de vitimação sofridos (múltipla, secundária e vicariante), tendem a mediar os efeitos negativos da violência (Matos & Machado, 1999).

Importa, ainda, referir que adolescentes vítimas de violência no namoro, comparativamente aos jovens que não tiveram experiências negativas no seio da relação de namoro, por norma, apresentam maiores níveis de depressão, ansiedade, ideação suicida, consumo de drogas, comportamentos sexuais de risco e transtornos alimentares. São também mais propícios a terem um desempenho escolar pobre e a sentirem dificuldade em futuros relacionamentos (Temple & Freeman, 2011).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Concluindo, pode constatar-se que a exposição à violência no namoro resulta em efeitos danosos para ambos os sexos e em muitos casos prediz a violência na idade adulta, visto que as vítimas de violência no namoro são três vezes mais propensas de serem novamente alvo de abusos em relacionamentos posteriores, comparativamente com aqueles que não foram vitimados (Temple & Freeman, 2011).

2. Consumo de Drogas

2.1. Conceito e classificação das drogas

Durante muitos anos, o termo “Pharmacon” foi definido como sendo uma substância que ora poderia ter contributos positivos, ora negativos para a saúde, tudo dependeria de determinadas variáveis, nomeadamente a quantidade utilizada e o seu grau de pureza. Constata-se então que o consumo de drogas não será um hábito recente, visto que, desde muito cedo, o ser humano vive em prol de alcançar diferentes estados, tais como euforia, conforto e relaxamento (Escohotado, 2004).

Relativamente ao conceito de drogas, pode-se designar pelo conjunto de substâncias que são administradas voluntariamente por um indivíduo cujo objetivo é alcançar alterações psíquicas nas suas próprias vivências, provocando dependência no sujeito que as consome (Fernandes, 1997), verificando-se alterações no humor, na perceção e no funcionamento cerebral, tendo como objetivo único a procura de prazer ou de alívio físico e psicológico (Nunes & Jólluskin, 2010).

Partindo do princípio que todos os fármacos são drogas (uma vez que podem alterar quer o estado físico, quer o estado psicológico) há que classificá-los de várias formas. É importante saber quais as categorias de drogas existentes, sendo elas divididas por estimulantes, depressores, analgésicos e alucinogénios. As substâncias estimulantes (cocaína, crack e anfetaminas) ativam o sistema nervoso central, mantendo o indivíduo desperto induzindo uma sensação de euforia e excitação. Os depressores (benzodiazepínicos e barbitúricos) como o próprio nome indica, deprimem a atividade do sistema nervoso central, sendo usados para aliviar o *stress*, induzir o sono e aliviar a ansiedade. Quanto aos analgésicos, estes são utilizados principalmente para aliviar a

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

dor, dos quais o ópio, morfina e heroína são os mais fortes. As substâncias alucinogénias afetam a percepção dos sentidos. Neste grupo, estão incluídas drogas como o LSD, cogumelos mágicos e ecstasy (Bennett & Holloway, 2010).

É de salientar que o consumo destas drogas tem diversas consequências, quer a nível individual, pois afeta o comportamento e o funcionamento do consumidor, quer a nível social, provocando mal-estar familiar e da comunidade, e ainda a nível político-económico, através dos resultados negativos da produção e distribuição das drogas (Nunes & Jólluskin, 2010). A adicção às mesmas é um comportamento compulsivo, definindo-se como condição de dependência de uma substância, que pode ser física (efeitos fisiológicos do consumo de drogas) e/ou psíquica (uso patológico de drogas), traduzindo-se na sua autoadministração repetida (Doron & Parot, 1998; Nunes & Jólluskin, 2010).

De acordo com o proposto por Lewin, as substâncias podem ser divididas em cinco grupos distintos (Seibel & Toscano, 2001). No primeiro grupo, denominado *euphoria*, estão enquadrados o ópio, a morfina, a codeína e a heroína, que propiciam um estado de bem-estar, uma vez que reduzem a percepção do indivíduo em relação ao que o rodeia. No segundo grupo, designado *phantastica*, encontram-se substâncias, como é o caso do peiote e do cânhamo indiano, que provocam alucinações e delírios. O terceiro grupo, designado por *inebriantia*, contemplam-se drogas como o álcool, o éter e a benzina, as quais provocam um estado de excitação inicial culminando num estado depressivo, tendo por vezes, como consequência a perda de consciência. O quarto grupo, de seu nome *hypnotica*, abrange substâncias como o cloral e sulfonal que propiciam a sonolência. O último grupo designa-se por *excitantia*, onde se incluem o tabaco e cafeína, ou seja, que atuam como agentes na actividade cerebral.

Já para Richard, Pirot e Senon (2002), as drogas podem ser enquadradas em três categorias, tendo em conta o efeito provocado no humor de cada indivíduo. As psicodislépticas, como o LSD, cogumelos e plantas alucinogénias alteram o pensamento, ou seja, o indivíduo começa a ter alucinações e delírios. Quanto às psicolépticas, das quais fazem parte, os opiáceos, cannabinóides e barbitúricos, provocam depressão do humor. Por último, as psicanalépticas, como é o caso da cocaína, anfetaminas e ecstasy, estimulam ou excitam o humor.

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Há ainda outra classificação mais simples proposta por Escohotado (2004), onde existem apenas três grupos que se baseiam nos efeitos que as substâncias produzem no consumidor. Deste modo, o primeiro grupo “fármacos de paz” é aquele que abrange as substâncias (como ópio, morfina, codeína, heroína, metadona, buprenorfina, benzodiazepinas, soníferos, éter, álcool) capazes de induzir o indivíduo num estado de tranquilidade; o segundo grupo denominado “fármacos de energia”, proporciona ao consumidor muita energia e é constituído por substâncias como café, coca, cocaína, crack, anfetaminas, entre outras; o último grupo chamado “fármacos visionários”, abarca drogas como cânhamo, marijuana, metanfetaminas, dietilamina do ácido lisérgico (LSD), haxixe e mescalina, ou seja, aquelas que provocam alterações profundas da percepção (Nunes, 2011).

2.2. Processos de envolvimento nos consumos de drogas e fatores implicados

2.2.1. Predisposição para o consumo de drogas

A diversidade de estudos existentes relativamente ao tema em foco deve-se, sobretudo, ao interesse demonstrado pela sociedade em alcançar uma explicação/justificação para o uso abusivo de substâncias tão precocemente. Visto a fase da adolescência, ser propícia à busca de novas sensações, aumentando a impulsividade dos atos dos indivíduos, é nestas alturas que os mesmos se tornam mais vulneráveis ao ato de experimentação de novas formas de desinibição, levando assim ao início precoce do consumo de substâncias que alteram o seu estado psíquico (Silva & Mattos, 2004).

Outra causa possível é o facto do consumo de tais drogas, ser utilizado para amenizar a dor que o consumidor sente, permitindo uma fuga da realidade, fazendo com que este parta em busca de substâncias que lhe tragam paz. Dado isto, o indivíduo automedica-se, para que consiga “entrar” num mundo virtual, pensando assim, conseguir ultrapassar os seus conflitos internos. Com estas ações, pode-se tirar como ilação a existência de uma perturbação do sujeito em relação a si, visto que só através do consumo é que este encontra um bem-estar pleno (Khantzian, 1985).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Contudo, um estudo realizado por Hall e Queener (2007) concluiu que, embora haja a possibilidade de existirem situações em que um distúrbio possa ser o fator que desencadeou o consumo de drogas naquele indivíduo, não é de todo correto afirmar que essa é a explicação para o contínuo dos consumos, isto é, não há provas que sustentem uma relação direta entre a dimensão afetiva e o consumo de substâncias. Até porque, os toxicod dependentes não recorrem a nenhum fármaco para obterem alívio, buscam sim, drogas estimulantes que propiciem prazer. Com isto, não é possível concluir a quantidade de consumidores, visto que, muitos dos sujeitos optam por automedicar-se (DuPont, 2005).

Importa, ainda, salientar que devemos ter em conta fatores como o grau de vulnerabilidade às substâncias em diferentes idades e fases de desenvolvimento, no que diz respeito à predisposição do indivíduo para o consumo (Nunes, 2011).

2.2.2. Fatores potenciadores do consumo de drogas

Para melhor explicar o consumo de substâncias, Peele (1997), apresentou um modelo social, que considera o papel da adicção no estilo de vida dos indivíduos, baseando-se que os comportamentos e as substâncias, não fazem parte dos elementos que conduzem à adicção. Deste modo, o desenvolvimento de uma conduta adictiva depende da interpretação e das respostas (em função das componentes social, vivencial e de personalidade do indivíduo) do indivíduo perante a experiência que vivenciou ao consumir a substância.

Partindo desta ideia, tanto o consumo de substâncias, como o conjunto de comportamentos que levam à dependência, acabam por ser um suporte do indivíduo, auxiliando-o a enfrentar o seu dia-a-dia, mais precisamente, o *stress*, a dor e a depressão, quando este não consegue enfrentar os obstáculos que lhe surgem diariamente. Além destes fatores, existe ainda o facto do controlo institucional que faz com que o indivíduo se sinta incapaz de obter controlo sobre a própria vida, sentido imensas dificuldades em enfrentar todos os seus problemas e a complexidade dos mesmos, refugiando-se no mundo das drogas. Deste modo, quer o meio social em que o indivíduo se encontra, quer as suas experiências, têm um papel determinante, uma

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

vez que afetam a forma como o próprio faz a interpretação das suas experiências, bem como das mesmas (Nunes, 2011).

Desta forma, é necessário perceber a importância que os fatores de risco e de proteção na tomada de decisão de enveredar ou não, no consumo das mesmas e na perpetração de atos violentos. Não é apenas um fator que desencadeia os consumos de substâncias destes jovens, mas sim uma multiplicidade de fatores (Chiapetti & Serbena, 2007; Milanés, Arrieta-Vergara, Blanco-Bayuelo, Ramos-Martínez, Zapata, & Rodríguez-Berrio, 2011). Importa referir que os fatores de risco podem trazer consequências quer a nível de saúde, quer a nível social, uma vez que o indivíduo se submete a uma situação na qual pretende beneficiar de algo, que porventura, poderá culminar num resultado negativo a nível psicológico, físico ou material (Schenker & Minayo, 2005).

Os fatores de risco encontram-se divididos em: individuais, familiares, grupo de pares/escola e comunitários. Relativamente aos primeiros, estão incluídos neste grupo os fatores genéticos/biológicos (défice de atenção; hiperatividade; disfunções no Sistema Nervoso Central; baixo nível de QI; défices ao nível das competências sociocognitivas ou de processamento de informação, insucesso escolar, baixo envolvimento escolar) práticas de gestão e conflito familiar, laços frágeis com a família, e ainda aqueles que estão associados à personalidade/temperamento (impulsividade; agressividade; baixa autoestima; problemas comportamentais persistentes; consumo precoce de substâncias; práticas disruptivas; défice nas habilidades sociais; atitudes antissociais e desordem de conduta) (Dias, 2012; Nunes, 2010; Ribeiro & Sani, 2009).

Os fatores de risco familiares determinam-se através do fraco envolvimento e supervisão parental; bem como das práticas educativas deficientes; consumo de drogas por parte dos progenitores; baixo estatuto socioeconómico; conflitos familiares; permissividade ao uso de drogas pelos pais; famílias numerosas e monoparentais (Nunes, 2010b; Ribeiro & Sani, 2009; Schenker & Minayo, 2005). Deste modo, a família tem um papel crucial, uma vez que, os problemas familiares, como a desadaptação de um elemento da família, podem desencadear o consumo de substâncias, responsabilizando a mesma e não o sujeito pelos seus consumos (Nunes, 2011).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Já no que diz respeito aos fatores de grupos de pares e/ou de escola enquadram-se as associações a pares delinquentes; a rejeição social pelos pares; a falta de envolvimento em atividades convencionais; o baixo compromisso com a escola; insucesso escolar e fraca motivação escolar (Ribeiro & Sani, 2009). Os jovens tendem a procurar um grupo de pares com se identifiquem, onde se sintam bem, partilhando o mesmo hábitos por norma. Assim, o consumo de drogas ocorre normalmente dentro do grupo de pares, muitas das vezes servindo para socializarem e interagirem uns com os outros. É neste ponto que o grupo de pares pode ser fulcral para o consumo de substâncias, uma vez que o indivíduo acaba por ser influenciado pelo grupo (Dias, 2012).

Por fim, nos fatores comunitários, encontram-se as oportunidades económicas reduzidas tal como a vizinhança desorganizada e o fácil acesso às drogas; o elevado nível de disrupção familiar; as reduzidas participações comunitárias e as concentrações elevadas de habitantes empobrecidos (Nunes, 2010b; Ribeiro & Sani, 2009).

Os fatores de risco e os fatores de proteção são independentes. Todavia, influenciam-se mutuamente, podendo resultar em comportamentos pro-sociais ou em comportamentos antissociais.

No âmbito dos fatores de proteção (caraterísticas individuais ou condições ambientais que ajudam os sujeitos na resistência aos fatores de risco a que são expostos diariamente), na categoria dos fatores individuais, destaca-se a atitude intolerante à violência; as estratégias de coping; o temperamento resiliente e caraterísticas da personalidade; a positividade relativamente ao futuro; as competências sociais e interpessoais; a capacidade de reflexão no confronto com novas situações; a empatia e o controlo emocional. Já na dimensão dos fatores de proteção familiares, estão inseridos os seguintes: vínculos familiares; expetativas parentais altas em relação ao desempenho escolar; atividades com os pais; envolvimento em atividade sociais; capacidade de discussão de problemáticas com os pais fortes; apoio familiar na obtenção de autonomia. No que diz respeito aos fatores de proteção do grupo de pares/escola e comunidade, estão englobados fatores como: a boa relação com os pares; a aprovação dos amigos pelos pais; o compromisso escolar; atitude positiva e motivacional em relação a escola; expetativas elevadas por parte da comunidade; ambientes promotores

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

de saúde e segurança; comunidades economicamente estáveis e a coesão social (Dias, 2012; Nunes, 2010b; Ribeiro & Sani, 2009).

2.2.3. Processos de envolvimento nos consumos de drogas

Ainda no âmbito das drogas, é importante perceber quais os processos de envolvimento que levam ao consumo das mesmas, tendo em conta as diferentes fases de desenvolvimento do sujeito (Nunes, 2011).

Destaca-se o modelo de Kandel, que se foca em todos os passos de consumo do indivíduo, desde os mais ligeiros, até aos mais acentuados e gravosos, isto é, desde que começa a utilizar drogas legais, até ao momento em que passam a usar drogas ilegais. A primeira fase é aquela que facilita a evolução do indivíduo nas etapas seguintes e é também aquela em que o próprio começa a consumir tabaco, vinho e cerveja pela primeira vez, seguindo-se do consumo de marijuana. Esta é utilizada numa altura crucial e pode propiciar o consumo de outras drogas ilegais mais pesadas, como a heroína, LSD e anfetaminas. A marijuana pode deste modo ser uma droga de iniciação a outras mais pesadas (Nunes, 2011).

Numa investigação de Kandel & Logan (1984), foram consideradas três etapas baseadas na análise de histórias pormenorizadas do consumo de substâncias entre estudantes, que são as seguintes: a iniciação, a continuidade e o declínio do consumo de drogas. Após esta pesquisa conclui-se que havia dois períodos de risco muito importantes, na medida em que a idade para o maior risco do uso de tabaco, álcool e marijuana, eram os 20 anos e 21 para o risco de consumo de outras drogas. É de salientar que os jovens são mais vulneráveis a experimentarem e continuarem os consumos destas substâncias em fases de desenvolvimento como a adolescência e a idade de jovem adulto. Contudo aqueles que não experimentaram qualquer substância nestas idades é provável que nunca o venham a fazer. O processo de evolução na escalada das drogas é feito em função da disponibilidade das mesmas, uma vez que os jovens procuram inicialmente aquelas que têm mais facilmente acesso, nomeadamente o álcool, seguido do tabaco e marijuana. É também importante ter em conta a influência do grupo de pares, bem como o papel dos progenitores. No que diz respeito ao género,

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

os padrões são semelhantes quer para homens, quer para mulheres (Kandel & Logan, 1984; Nunes, 2011).

Já Thornberry tem uma outra perspetiva destes processos evolutivos, a teoria interacional. Para o autor, o comportamento desviante é fruto de um vínculo muito frágil do indivíduo à sociedade e às suas normas e valores, juntamente com o facto de se encontrar num meio social que favorece a aprendizagem de condutas anti-sociais. A adolescência é uma fase fulcral neste processo uma vez que, numa fase intermédia da mesma, os pais não têm tanta influência na vida no jovem, pois este privilegia mais o grupo de pares (que pode ser desviante), facilitando a adoção de comportamentos anti-sociais. Já numa fase mais tardia, novos fatores surgem, nomeadamente, compromissos com atividades convencionais, abonando no desenvolvimento de crenças nos valores convencionais, reflectindo-se também num efeito positivo quer na escola, quer na família. Assim, é dependentemente da influência das interações dos jovens com outros fatores associados, que este vai adotar um comportamento normativo ou desviante (Nunes, 2011).

No decorrer deste processo, há várias fontes que influenciam o sujeito, ocorrendo transformações no próprio. Estas mudanças podem dever-se aos comportamentos anti-sociais, nomeadamente, o consumo de drogas, que por norma é acompanhado de práticas criminais (Nunes, 2011).

3. Violência, crime e drogas

3.1. Explicação causal, estrutural e processual

O modelo que assenta na explicação causal sustenta que a droga e o crime são dois fenómenos que estão ligados, simples, diretamente e casualmente. Neste sentido, esta perspetiva diz-nos que as drogas induzem os consumidores a cometerem crimes, ou, pelo contrário, que é o crime que conduz os indivíduos ao consumo das drogas. Assim, a primeira hipótese é a de que a droga é a causa da criminalidade. Neste ponto de vista, são apontadas três razões fundamentais, sendo que a primeira, é o poder psicoativo desencadeado provocando alterações comportamentais dos consumidores,

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

nomeadamente com consequências antissociais (violência, agressividade, crimes contra pessoas, entre outros); a segunda é o facto de o indivíduo necessitar desesperadamente da substância e não ter financiamento para adquirir a mesma no mercado ilegal, o que neste caso, força o indivíduo a cometer atos reprováveis e delituosos para conseguir os recursos que precisa; a terceira e última remete-nos para o mercado ilícito da droga, que está fortemente vinculado à violência. No entanto, há quem defenda que o sentido causal é o inverso, ou seja, que é o crime o causador da droga e não o contrário, tendo em conta que geralmente o crime é cometido logo após o consumo de drogas (Agra, 1998).

Já para o modelo de explicação estrutural, a relação entre a droga e o crime não é tão simples quanto a causalidade. Assim, esta ligação deve-se a um outro fator subjacente (situado nas estruturas de funcionamento do próprio) que determina o comportamento do indivíduo. Deste modo, a teoria do “síndrome de desviância”, considera que existe um estado oculto de desviância, que tende a quebrar com as normas e as instituições, como a família, a escola e a comunidade, originando os comportamentos como consumo de drogas e de práticas delituosas (Agra, 1998).

Por último, a explicação processual baseia-se em dados empíricos, variando de acordo com as biografias dos indivíduos. Nesta forma de explicação são utilizadas as tipologias de “carreiras desviantes” e de “estilo de vida”, visto que de outro modo, é impossível explicar ligação droga-crime. Mais precisamente, nesta abordagem, são considerados todos os fatores associados às fases evolutivas da relação entre os dois comportamentos, sem ignorar os diversos estilos de vida, contextualizando esse mesmo percurso (Agra, 1998).

Quer o consumo de drogas, quer a violência, têm as suas consequências no âmbito individual, familiar e comunitário (Chavez, O'Brien, & Pillon, 2005). Contudo não é correto afirmarmos que se um determinado indivíduo consumir, terá um comportamento violento, pois não sabemos se num estado de sobriedade, este não reagiria da mesma maneira. Além do indivíduo consumir, existe ainda o facto de os indivíduos reagirem de forma diferente uns dos outros, às diversas situações, sendo por isso necessário, ter também em conta fatores pessoais e culturais, bem como a sua

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

fisiologia, psicologia, história, gênero, a natureza interpessoal e o local onde ocorreu a situação (Minayo & Deslandes, 1998).

Outros fatores que podem ajudar a explicar são os biológicos, uma vez que as alterações ao nível dos neurotransmissores de monoamina traduzem-se nos baixos níveis de serotonina, que estão relacionados com agressões e desordens psicológicas. Não só a monoamina se relaciona com estas condutas, também a dopamina e a norepinefrina (ambas reguladoras do comportamento) o fazem). Para melhor entender esta relação Droga-Violência, Goldstein (1985) desenvolveu vários modelos, explicando a relação entre o consumo de drogas e a violência, sendo que o primeiro é o modelo psicofarmacológico, o segundo é o modelo sistémico e o terceiro é o modelo económico-compulsivo e o quarto e último é o modelo tripartido. Deste modo, o modelo psicofarmacológico sugere que como resultado da ingestão a curto ou longo prazo de drogas, o consumo das mesmas altera as funções cognitivas tornando o indivíduo irracional, uma vez que causa irritabilidade, paranóia, que por sua vez originam comportamentos agressivos. Neste caso, este tipo de violência relaciona-se com o consumo de drogas, que causam dependência química, quer pelo agressor, quer pela vítima ou por ambos. Salienta-se ainda as substâncias mais relevantes a este respeito: álcool, estimulantes, barbitúricos e PCP. No modelo sistémico, a violência é intrínseca ao envolvimento em qualquer substância ilícita. Ou seja, este modelo, diz respeito ao padrão de interação agressiva dentro do sistema de distribuição e utilização de drogas, sendo que, há um maior risco de violência para quem está envolvido na sua distribuição do que para quem apenas consome drogas. Particularmente neste caso, a causa da violência são as disputas territoriais, quer na afirmação dos códigos de conduta nos grupos, quer nas cobranças de dívidas, ou seja, tudo o que esteja ligado à comercialização das drogas. Este modelo baseia-se assim, especialmente no meio envolvente do indivíduo e não tanto nas suas características pessoais. Por sua vez, o modelo económico-compulsivo diz-nos que a violência está associada à necessidade e desejo de adquirir drogas, ou seja, o crime “serve” para garantir a manutenção da dependência das drogas, devido ao elevado custo das mesmas. Assim, a violência resulta dos custos das drogas, ou seja, os consumidores destas substâncias envolvem-se em práticas criminais com o intuito de gerar dinheiro suficiente para suportar o vício. Desta forma, este modelo vê a toxicodependência como um estado patológico que

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

determina os comportamentos do consumidor. Neste modelo as substâncias mais relevantes são a heroína e cocaína, não só pelo seu custo, mas também pela dependência que provoca. Por fim, o modelo tripartido, conjuga as ideias dos modelos referidos anteriormente, explicando a relação da droga-crime através dos seguintes elementos: os efeitos psicofarmacológicos da substância, os custos elevados das drogas e a violência do mercado ilícito de drogas, isto é, a associação entre os dois comportamentos, o consumo de drogas e a prática de crimes, que se resultam de um estilo de vida particular, incluído num contexto bastante específico (Nunes, 2010).

Um outro modelo foi o proposto por Faupel em 1991, em que dividiu a estrutura da carreira do consumo de heroína em quatro distintas tipologias (consumidor ocasional, adicto estável, adicto extremo e “junkie” de rua) que são fundamentais para mostrar que nem todos os consumidores evoluem numa escalada linear de deterioração da trajetória de vida. Assim a primeira tipologia ocorre numa dada altura da vida em que os laços sociais ainda permanecem, embora que já haja um comportamento desviante. A disponibilidade da substância é baixa, mas o indivíduo mantém um elevado grau de estrutura de vida. Pode ser a fase inicial onde os consumos são ocasionais, ou pode ser a fase final, onde o sujeito já tentou reconstruir uma estrutura de vida em torno convencional em vez de rotinas criminosas. A segunda surge quando o indivíduo consome regularmente e pratica delitos para facilitar o sustento do consumo. Tal como os consumidores ocasionais, começa a aprender as habilidades básicas para ter um estilo de vida de consumidores de droga. Na terceira, há um aumento repentino do consumo de drogas e uma quebra de estrutura da vida do indivíduo, que pratica muito mais crimes que anteriormente, não tendo controlo sobre si mesmo. Na quarta e última, o consumidor não tem nenhuma estrutura de vida, o que leva o desleixar completamente sua higiene. A disponibilidade da droga é cada vez mais diminuta e está totalmente dependente da droga, o que o conduz a praticar crimes, de modo a conseguir obter a substância, nesta fase encontra-se totalmente descontrolado. É a fase que mais se aproxima à imagem estereotipada que a população em geral tem dos toxicod dependentes.

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

3.2. Violência no namoro e consumo de drogas

A literatura comprova que o abuso de substâncias (sobretudo o álcool) constitui um importante fator de risco para a ocorrência de violências nas relações íntimas, quer ao nível da vitimação e perpetração (Caridade & Nunes, 2014; Temple & Freeman, 2011).

De acordo com alguns autores (Baker & Stith, 2008; Fossos, Neighbors, Kaysen, & Hove, 2007; Hove, Parkhill, Neighbors, McConchie, & Fossos, 2010) o álcool é uma das substâncias que mais se encontra relacionada com a violência nas relações íntimas, pois potencia o aumento do comportamento agressivo. No entanto, embora o uso desta substância e de outras drogas sejam associadas a esta realidade, pouco se sabe sobre o poder que determinadas substâncias (mais especificamente as drogas recreativas) exercem sobre o indivíduo que as consome (Caridade & Nunes, 2014; Temple & Freeman, 2011).

Estudos apontam que o fator classe social tem alguma influência, ou seja, aqueles que são de classe social baixa e consomem álcool em excesso, são mais propensos a cometerem atos agressivos contra os seus parceiros (Bennett & Bland, 2008).

O consumo abusivo de substâncias potencia o risco de violência no namoro, uma vez que pode deficiar o funcionamento cognitivo, como a resolução de problemas e memória, bem como as relações sociais. Relativamente à distorção cognitiva, o consumo de álcool pode comprometer a capacidade do sujeito para receber os estímulos sociais, reagir de forma adequada, e manter atenção em determinadas situações, ou seja, se o indivíduo ingeriu álcool vai reagir de uma determinada forma, diferente daquela que teria se estivesse sóbrio (Bennet & Bland, 2008).

Embora alguns estudos (Fossos, Neighbors, Kaysen, & Hove, 2007; Gidycz, Warkentin & Orchowski, 2007) afirmem que o consumo de substâncias por parte dos indivíduos nada tem a ver com o aumento da sua agressividade, metade daqueles que se encontram em programas de intervenção para agressores têm problemas com o consumo abusivo de substâncias e são mais propensos para agredirem quando consomem álcool. No entanto, de $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ das mulheres vítimas de agressões no namoro, têm problemas com o consumo de substâncias (Bennett & Bland, 2008).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Importa salientar que os sujeitos dependentes do álcool são mais propensos a cometerem agressões físicas e sexuais, contrariamente aos que mantêm um consumo regular, que praticam essencialmente agressões psicológicas. Relativamente às mulheres sob influência de álcool, estas praticam essencialmente agressões físicas (Shorey et al., 2011).

Já no que diz respeito à vitimação, também tem sido documentada uma relação entre o álcool e a violência, uma vez que em grande parte desta, quer na física, quer na psicológica, ambos os sexos estão sob influência de álcool, o que nos levar a concluir que o consumo de álcool é um fator de risco para a vitimação. Em termos de substâncias ilícitas, algumas delas estão associadas à vitimação física, em ambos os géneros (Shorey et al., 2011).

A associação entre o álcool e a violência nos casais tem sido explicada a partir dos seguintes modelos (Shorey et al., 2011): modelo dos efeitos indiretos, onde o álcool é visto como corrosivo para a qualidade da relação, uma vez que aumenta a probabilidade de discussões. O consumo desta substância lícita (por um ou pelos dois sujeitos), a longo prazo, cria um ambiente de conflito entre o casal, culminando na violência; modelo dos efeitos proximais, diz-nos que o uso de substâncias causa uma associação à violência entre casais, isto é, devido aos efeitos farmacológicos do etanol nos processos cognitivos, há uma fragilidade nos mecanismos cerebrais que normalmente inibem o comportamento impulsivo, resultando com que o indivíduo se foque apenas nos aspetos negativos da convivência, aumentando assim o risco de agressão; modelo dos efeitos espúrios, que sugere a presença de uma terceira variável agregada ao uso de substâncias e a agressão, ou seja, o comportamento antissocial, os conflitos familiares, o ambiente familiar, o estatuto socioeconómico, entre outros; modelo dos efeitos crónicos, que refere que os indivíduos que apresentam um consumo problemático de álcool têm maior probabilidade de desenvolverem comportamentos violentos, devido aos efeitos farmacológicos desta substância, uma vez que este provoca um défice no funcionamento neuropsicológico, um aumento das desordens psicopatológicas, uma privação do sono, deficiências nutricionais e um aumento do nível da agressividade (Shorey et al., 2011).

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

Um estudo de Temple e Freeman (2011) referiu que no ano anterior ao mesmo, 14.1% dos elementos do sexo masculino e 11.3% do sexo feminino relataram terem sido vítimas de violência no namoro. Concluiu também que estes jovens que sofreram abusos no âmbito da sua relação de namoro foram mais propensos a comportamentos desviantes, tais como: fumarem tabaco, beberem bebidas alcoólicas, consumirem álcool excessivamente numa determinada altura (nas saídas à noite por exemplo), marijuana, ecstasy, vicodin e xanax, comparativamente aos jovens que não foram alvo de qualquer tipo de abusos.

Também as drogas ilegais têm sido apontadas como um dos fatores para a ocorrência de agressões entre casais, no entanto, não são conhecidos quais os tipos específicos das mesmas que mais potenciam este fenómeno. A cocaína por exemplo é uma substância que potencia a violência entre os casais, devido às suas propriedades estimulantes do sistema nervoso central. Quando comparada ao álcool existem variações significativas uma vez que os indivíduos consumidores de álcool não apresentaram taxas de agressão contra o seu parceiro tão altas (talvez pelas suas propriedades depressoras) como os consumidores de cocaína (Parrot, Drobos, Saladin, Coffey & Dansky, 2003). Num estudo de Nabors (2010) o sexo feminino registou mais casos de perpetração de violência, onde 31.6% admitiu ter agredido fisicamente os seus parceiros íntimos, contrastando com 27.8% dos estudantes do sexo masculino que agrediram fisicamente seus parceiros (Nabors, 2010).

Embora o abuso das drogas ilegais seja apontado como o fator mais potenciador de situações de violência no namoro, o grupo racial e étnico foi apontado como o mais forte preditor das mesmas situações, sendo que os estudantes de raça negra eram duas vezes mais propensos a cometer atos de violência contra pessoas íntimas em comparação com os estudantes caucasianos. Também a idade é um fator importante, uma vez que os alunos mais velhos eram 38% menos propensos a cometerem atos violentos com os seus parceiros comparativamente com alunos mais novos (Nabors, 2010).

Relativamente às drogas, os estudantes do sexo masculino que usavam esteróides anabolizantes eram 65% menos propensos a envolverem-se em agressões

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

físicas contra suas parceiras em comparação àqueles que não usam este tipo de drogas (Nabors, 2010).

Para as jovens do sexo feminino, a vulnerabilidade emocional e o consumo de substâncias parecem estar correlacionados com situações de violência no namoro (Alleyne et al., 2011). No que diz respeito às estudantes do sexo feminino que tomavam tranquilizantes, estas foram duas vezes mais propensas a cometer atos de agressão física contra os seus parceiros quando comparadas com estudantes que não tomavam este tipo de drogas. Contrastando com aquelas que consumiam drogas, que eram 65% menos propensas do que aquelas que não consomem drogas para se envolverem em atos violentos contra os seus parceiros íntimos (Nabors, 2010). É de salientar que narcóticos, esteróides e anabolizantes contrariamente aos tranquilizantes e canábis, estão associados negativamente à violência no namoro ou seja, quem consome estes tipos de drogas é menos propenso à prática de atos de agressão do que quem não consome (Nabors, 2010).

Assim, o abuso de substâncias aumenta o risco de violência no namoro e vice-versa. No entanto, o consumo abusivo de substâncias pode não ser apenas fruto da violência entre parceiros íntimos, isto é, existem outros fatores para tal acontecer, como por exemplo a violência na família. Importa referir que quando os homens se encontram numa situação de abuso de substâncias, pensam que em certas circunstâncias a violência contra as suas parceiras é justificável (Bennett & Bland, 2008).

Várias têm sido as teorias que tentam explicar a relação que existem entre o consumo de drogas e a violência contra o parceiro íntimo. Destaca-se a explanação de que os efeitos psicofarmacológicos de substâncias resultam no diminuído funcionamento cognitivo, no aumento da excitação e do comportamento irracional, o que contribui assim para a violência. Assim, o consumo da substância pode aumentar diretamente o risco de vitimação, tornando o consumidor vulnerável a situações de alto risco, que noutra situação não aconteceriam ou seriam evitadas. Importa salientar que geralmente os consumos de drogas de um parceiro estão associados com os consumos do outro, o que potencia ocorrências de violência. Como o exemplo específico do álcool, este pode diminuir a capacidade de resistir à agressão, no caso da vítima, e levar à insatisfação da relação, aumento do risco do perpetrador se tornar mais violento e

Capítulo I – Violência no namoro e consumo de drogas: que relação?

agressivo. No entanto, também é possível que a agressão do parceiro conduza ao consumo de álcool por parte da vítima (ou seja, "o nexo de causalidade reversa") (Rothman et al., 2012; Temple & Freeman, 2011).

Relativamente ao consumo da cocaína, como se trata de uma substância estimulante, o consumidor poderá ficar ainda mais agitado e agressivo, traduzindo-se na perpetração da violência. Importa ainda mencionar que jovens que tomam medicamentos sem receita médica têm tendência em adotar outros comportamentos de risco associados à violência no namoro, tais como comportamentos sexuais de risco e consumo de álcool (Temple & Freeman, 2011).

No que concerne ao ecstasy, os estudos não são consensuais relativamente a estar associado a atos de violência no âmbito das relações de namoro. No entanto, um estudo revelou que esta substância está associada com a violência entre casais homossexuais e bissexuais (Klitzman, Greenberg, Pollack, & Dolezal, 2002; Temple & Freeman, 2011).

Num estudo realizado por Temple e Freeman (2011), substâncias como álcool, tabaco e marijuana foram as únicas que apresentaram níveis significativos de associação à vitimação nas relações de namoro, sendo que os jovens que consumiam álcool eram mais propensos a relatarem serem vítimas de violência no namoro relativamente àqueles que não consumiam álcool. Menos propensos a relatarem situações de violência no namoro eram os jovens que viviam com ambos os pais contrariamente aos que viviam numa outra situação.

Deste modo, pode-se concluir que o consumo excessivo de álcool, cocaína e ou uso de outros inalantes, depressão e aumento da ideação suicida estão correlacionados com a vitimação no namoro (Alleyne et al., 2011; Howard & Wang, 2003).

Em suma, o álcool é potencialmente um fator que tem bastante influência sobre o sujeito, devido ao aumento do comportamento agressivo, como também um fator de risco para a vitimação feminina e masculina (Shorey et al., 2011).

PARTE B - COMPONENTE EMPÍRICA

Capítulo II – O estudo empírico

1. Objetivos do estudo

Esta investigação tem como principal objetivo conhecer a relação entre a violência nas relações de namoro e o consumo de substâncias, em termos de vitimação e de agressão.

De forma mais específica pretendeu-se:

- i. Caracterizar as vivências íntimas abusivas dos jovens universitários;
- ii. Conhecer e caracterizar eventuais experiências de consumos de drogas por parte dos jovens;
- iii. Conhecer a relação entre a experiência e perpetração de violência íntima e os consumos de substâncias por parte dos jovens.

2. Método

No que diz respeito à metodologia utilizada, esta investigação adota uma perspetiva quantitativa, uma vez que se foca na análise de factos e fenómenos observáveis passíveis de serem quantificados e avaliados em variáveis comportamentais e/ou socioafetivas e ainda comparadas e/ou relacionadas no decorrer do processo da investigação empírica. Deste modo, deve manter-se uma postura científica, distanciada e neutra para poder comprovar estatisticamente as hipóteses e contribuir para a relação causal do processo-produto. Este tipo de perspetiva é caracterizado por um destaque de factos, comparações, relações, causas, produtos e resultados do estudo; baseando-se na teoria, procurando muitas das vezes testar, verificar, comprovar teorias e hipóteses; um plano de investigação estruturado e estático, ou seja, os conceitos, variáveis e hipóteses sofrem alterações ao longo da investigação; grandes amostras de sujeitos, através de técnicas de amostragem probabilística; aplicação de testes válidos; objetividade; análise de dados por técnicas estatísticas e por último, pelo objetivo de estudo, que visa a contribuição de conhecimentos, que possibilitem a previsão, bem como a explicação e controlo de fenómenos (Coutinho, 2014).

Uma vez que procura descrever um fenómeno, através da identificação de variáveis e da sua relação, bem como da apreciação da interação das mesmas, é considerado como um estudo correlacional.

Capítulo II – O estudo empírico

O presente estudo de índole quantitativo caracteriza-se por ser exploratório, descritivo, correlacional e de autorrelato, recorrendo-se à técnica do questionário, sendo esta uma ferramenta útil para inquirir um grande número de pessoas, ainda que se levante um problema de representatividade. A desvantagem deste método é não ser absoluta, contudo, permite-nos quantificar uma multiplicidade de dados e proceder a várias análises de correlação (Quivy, 2008).

2.1. Amostra

Para elaborar a presente investigação, é necessário definir a população e amostra em estudo, sendo que a primeira é referente a todos os indivíduos que possuem as características pretendidas, ou seja, jovens universitários. Relativamente à amostra esta restringe-se àqueles que mantenham ou já tenham mantido uma relação de namoro. Assim, a nossa amostra será não probabilística, por conveniência, visto que apenas estudantes que mantenham ou já tenham mantido uma relação de namoro é que poderão participar. A amostra desta investigação compreende um conjunto de 376 indivíduos. Inicialmente a amostra era composta de 435 elementos, mas devido aos critérios de inclusão foi necessário excluir 59 respostas.

Desta forma, a amostra do presente estudo integra participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, com uma média de idades de 21.93 (D.P.= 2.51) sendo que maioritariamente era composta por indivíduos cuja faixa etária se situava nos 22 anos (17.6%), seguindo-se, os 23 anos (16.5%), 24 anos (12.0%), 19 anos (11.7%), 21 anos (11.2%), 20 anos (10.1%), 18 anos (8.8%), 25 anos (4.8%), 26 anos (3.2%), 27 anos (1.6%), 29 anos (1.1%) e por último 28 (0.8%) e 30 anos (0.8%). Destes 376 participantes, 68.9% eram do sexo feminino e 30.9% do sexo masculino, sendo que a grande maioria (65.2%) encontrava-se numa relação amorosa, contrastando com 34.8% que apenas estiveram envolvidos numa relação no passado. Relativamente ao tipo de relação ao nível de orientação sexual, 5.6% assumiram-se como sendo homossexuais, 93.6% heterossexuais e 0.8% como bissexuais (cf. Tabela 1).

Capítulo II – O estudo empírico

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis		n	(%)
Sexo	Feminino	259	68.9
	Masculino	116	30.9
Estado Civil	Solteiro	376	100
Ano de Escolaridade	1º Ano	59	15.7
	2º Ano	53	14.1
	3º Ano	51	13.6
	4º Ano	36	9.6
	5º Ano	46	12.2
	6º Ano	3	0.8
	Licenciatura	14	3.7
	Pós-graduação	1	0.3
	Mestrado	28	7.4
	1º Ano de Mestrado	11	2.9
	2º Ano de Mestrado	21	5.6
	3º Ano Mestrado Integrado	3	0.8
	4º Ano Mestrado Integrado	2	0.5
	5º Ano Mestrado Integrado	8	2.1
	1º Ano Doutorado	1	0.3
	Doutorado	3	0.8
Frequência Universitária	36	9.6	
Situação Relacional		n	(%)
Atualmente, tenho uma relação amorosa		245	65.2
Atualmente, não tenho qualquer relação amorosa, mas já tive no passado		131	34.8
Tipo de Relação		n	(%)
Homossexual		21	5.6
Heterossexual		352	93.6
Bissexual		3	0.8

2.2. Instrumentos

Para a realização deste estudo, recorreu-se a medidas de autorrelato, elaborando um questionário para o efeito. Optou-se por este tipo de instrumento uma vez que nos possibilita inquirir um grande número de pessoas, e assim obter uma melhor caracterização de um determinado grupo (Coutinho, 2014).

Pese embora no contexto português existam já alguns instrumentos especificamente construídos para estudar a violência no namoro, a verdade é que são ausentes instrumentos específicos que avaliem os consumos e que procurem analisar a

Capítulo II – O estudo empírico

relação entre estes e a ocorrência de violência nas relações de namoro. Neste sentido, optou-se por elaborar um questionário específico e o qual se intitula de Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos – QVAC, construído por Caridade, Nunes e Borges (2015) (cf. Anexo II). Este instrumento foi submetido a um pré-teste, que permitiu detetar pequenas imprecisões na construção dos itens, e as quais foram devidamente reformuladas. Este instrumento é constituído por três secções: a primeira secção é relativa à caracterização sociodemográfica (e.g., sexo, idade, habilitações literárias, situação relacional dos participantes, entre outros), a segunda secção é destinada a estudar as vivências íntimas abusivas dos jovens e a terceira secção procura explorar o padrão de consumos de drogas dos participantes, procurando ainda analisar os fatores que estão na origem dos consumos, bem com o impacto que estes poderão ter, na perspetiva dos participantes, nas suas relações íntimas.

2.3. Procedimentos

Como oportunamente referido, para a realização deste estudo, e tendo por base os objetivos definidos tornou-se necessário elaborar o QVAC - Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos (cf. Anexo II), o qual foi submetido aos devidos procedimentos de validação (nomeadamente a realização do pré-teste tal como já foi mencionado anteriormente). Assim, o instrumento foi administrado junto de 10 potenciais participantes com o objetivo de testar a legibilidade das questões colocadas, de modo a melhorar questões que pudessem não apresentar uma leitura e compreensão acessível e encontrar possíveis gralhas. Importa salientar a relevância do pré-teste, pois permitiu melhorar o questionário construído. Seguiu-se a elaboração do protocolo com toda a informação necessária para submissão do mesmo à apreciação da Comissão de Ética da UFP.

A recolha de dados foi efetuada via *online*, tendo o questionário sido disponibilizado na plataforma *Google Docs*, onde continha o respetivo consentimento informado aos participantes. Inicialmente era apresentado o objetivo do estudo em questão, sublinhando também a existência do anonimato e da confidencialidade dos dados fornecidos por estes e que para a participação nesta investigação era necessário o

Capítulo II – O estudo empírico

consentimento informado dos participantes, o qual foi uma opção de resposta obrigatória (aceita ou não aceita participar na investigação) e só depois passou para os questionários seguintes em caso afirmativo.

Para a recolha de dados procedeu-se à divulgação do estudo na rede social *Facebook* e via *email*, salientando-se também o facto de reforçar a divulgação durante vários dias e semanas até atingir um número de participantes razoável. O período de recolha de dados decorreu entre 26 de Maio e 13 de Agosto de 2015.

2.4. Tratamentos dos dados

Para efetuar o tratamento de dados recorreu-se ao auxílio do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 23 para *Windows*. Foram efetuadas análises descritivas para a caracterização da amostra e da prevalência do abuso íntimo nos jovens universitários, bem como para a caracterização dos consumos. Foram ainda realizados testes de associação no sentido de tentar analisar a relação entre as vivências íntimas abusos e os consumos por parte dos jovens.

3. Apresentação dos resultados

3.1. Caracterização das vivências íntimas abusivas dos jovens

No que diz respeito à violência sofrida pelos jovens inquiridos neste estudo, 24.5% admitiu já ter sido vítima de algum tipo de abuso no âmbito da sua relação de namoro, contrastando com a maioria de 284 indivíduos (75.5%) que afirmaram nunca terem sido vítimas de atos violentos por parte do seu/sua parceiro/a atual ou anterior.

Quanto aos comportamentos sofridos pelas vítimas que se encontram reportados na tabela 2 (que se repetiram mais do que uma vez), destacam-se os insultos (14.9%), bem como a chantagem emocional (13.0%). Foram ainda alvo de controlo do próprio email e/ou rede social por parte do parceiro/a (11.2%) e de revistas ao telemóvel e/ou a mochila (9.6%). Salienta-se ainda o facto de os/as seus /suas parceiros/as gritarem com eles com o intuito de os/as assustar (9.3%), tal como de impedir de ter amigos/as ou de

Capítulo II – O estudo empírico

falar com eles/as (8.5%) e de impedir de sair com os/as seus próprios/as amigos/as (8.2%). Ainda que de forma menos expressiva foram relatados também comportamentos de perseguição e de vigia dos movimentos do/a namorado/a (5.6%), de ameaças (4.8%) e o impedimento de usar determinadas roupas (4.0%). Por último, foi referido também pelos inquiridos terem sofrido de violência física, relatando a ocorrência de empurrões (4.3%) e estaladas (3.5%), atirar com objetos (2.1%), apertar o pescoço (0.8%) e dar pontapés (0.3%). Ao nível de violência sexual, 4 participantes (1.1%), verbalizaram o forçar o contato sexual mais do que uma vez (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Comportamentos abusivos sofridos

Comportamentos abusivos SOFRIDOS	Nunca aconteceu		Uma única vez		Mais do que uma	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Insultar	307	81.6	13	3.5	56	14.9
Ameaçar (ex.: usar violência)	347	92.3	11	2.9	18	4.8
Gritar para assustar	334	88.8	7	1.9	35	9.3
Chantagear (ex.: “de que o/a irias deixar”)	312	83.0	15	4.0	49	13.0
Impedir de ter amigos/as ou de falar com eles/as	336	89.4	8	2.1	32	8.5
Impedir de sair com os/as amigos/as	338	89.9	7	1.9	31	8.2
Impedir o uso de determinadas roupas	353	93.9	8	2.1	15	4.0
Dar estaladas	354	94.1	9	2.4	13	3.5
Atirar com objetos	362	96.3	6	1.6	8	2.1
Empurrar	350	93.1	10	2.7	16	4.3
Dar pontapés	372	98.9	3	0.8	1	0.3
Apertar o pescoço	370	98.4	3	0.8	3	0.8
Perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a	349	92.8	6	1.6	21	5.6
Revistar o telemóvel e/ou a mochila	333	88.6	7	1.9	36	9.6
Controlar o email ou redes sociais do/a namorado/a	317	84.3	17	4.5	42	11.2
Forçar a ter contacto sexual	363	96.5	9	2.4	4	1.1

Já relativamente à violência perpetrada, 73 jovens (19.4%) admitiram já terem usado contra o/a seu/sua companheiro/a algum tipo de violência, enquanto a grande

Capítulo II – O estudo empírico

maioria (80.6%), revelou nunca ter cometido qualquer ato agressivo para com os/as seus/suas parceiros/as. Evidenciaram-se os insultos cometidos mais do que uma vez por 10.6% dos indivíduos, bem como comportamentos de controlo quer sob o telemóvel e/ou a mochila (7.2%), quer sobre as redes sociais e email do/a namorado/a (7.2%) e ainda a chantagem emocional com cerca de 5.3% dos/as inquiridos/as que admitiram tê-lo feito mais do que uma vez ao seu/sua parceiro/a (cf. Tabela 3).

Tabela 3
Comportamentos abusivos perpetrados

Comportamentos abusivos PERPETRADOS	Nunca aconteceu		Uma única vez		Mais do que uma	
	n	(%)	N	(%)	n	(%)
Insultar	331	88.0	5	1.3	40	10.6
Ameaçar (ex.: usar violência)	365	97.1	3	0.8	8	2.1
Gritar para assustar	359	95.5	3	0.8	13	3.5
Chantagear (ex.: “de que o/a irias deixar”)	350	93.1	6	1.6	20	5.3
Impedir de ter amigos/as ou de falar com eles/as	367	97.6	4	1.1	5	1.3
Impedir de sair com os/as amigos/as	368	97.9	4	1.1	4	1.1
Impedir o uso de determinadas roupas	370	98.4	2	0.5	4	1.1
Dar estaladas	358	95.2	14	3.7	4	1.1
Atirar com objetos	372	98.9	2	0.5	2	0.5
Empurrar	363	96.5	8	2.1	5	1.3
Dar pontapés	372	98.9	2	0.5	2	0.5
Apertar o pescoço	374	99.5	2	0.5		
Perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a	366	97.3	3	0.8	7	1.9
Revistar o telemóvel e/ou a mochila	334	88.8	15	4.0	27	7.2
Controlar o email ou redes sociais do/a namorado/a	336	89.4	13	3.5	27	7.2
Forçar a ter contacto sexual	375	99.7	1	0.3		

3.2. Caracterização dos consumos de substâncias por parte dos jovens

No que respeita ao consumo de substâncias dos inquiridos, 34.8% assumiu ter consumido drogas pelo menos uma vez na vida, contrariamente à maioria (65.2%) dos

Capítulo II – O estudo empírico

mesmos que afirmaram nunca ter consumido qualquer tipo de drogas, sendo que 0.8%, mencionou que o consumo afetou o seu comportamento com o/a parceiro/a. É de salientar que 5.9% dos consumidores de drogas admitiu que os seus consumos se devem à influência dos seus parceiros, o mesmo não se verificando em 94.1% dos participantes. No que concerne à frequência do consumo do participante, 2.1% assumiu consumir raramente drogas, 2.9% algumas vezes, 0.5% muitas vezes e 0.3% consumia sempre.

Quanto às substâncias consumidas pelos inquiridos, o álcool foi sem dúvida o mais consumido, sendo que apenas 10.6% verbalizou nunca ter consumido esta substância. A maioria (48.4%) admitiu consumir 4 ou menos vezes por mês, 28.7% 4 ou menos vezes por ano, 11.7% 4 ou menos vezes por semana e apenas 0.5% admitiu consumir álcool 1 vez por dia. Relativamente ao consumo diário, a substância que mais se destacou foi o Haxixe/ Cannabinóides, onde cerca de 2.7% revelou que consome pelo menos 1 vez por dia, 18.4% consome esta substância 4 ou menos vezes por ano, 4.8% consome 4 ou menos vezes por mês e 1.1% realiza os seus consumos 4 ou menos vezes por semana. Também a Cocaína, LSD e MDMA têm alguma relevância, uma vez que 1.3% afirmou consumir Cocaína e MDMA 4 ou menos vezes por ano e 1.6% LSD. É de salientar ainda o consumo de Benzodiazepinas diário admitido por 0.3% dos participantes do estudo (cf. Tabela 4).

Tabela 4
Consumo de substâncias por parte dos jovens

Substâncias	Nunca consumiu		4 ou menos vezes por ano		4 ou menos vezes por mês		4 ou menos vezes por semana		1 vez por dia	
	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Álcool	40	10.6	108	28.7	182	48.4	44	11.7	2	0.5
Haxixe/ Cannabinóides	275	73.1	69	18.4	18	4.8	4	1.1	10	2.7
Cocaína	369	98.1	5	1.3	2	0.5				
Heroína	376	100.0								
LSD (ácidos)	370	98.4	6	1.6						
MDMA (ecstasy)	370	98.4	5	1.3	1	0.3				
Crack	375	99.7	1	0.3						
Benzodiazepinas (forgett pill)	374	99.5	1	0.3					1	0.3
PCP (pó de anjo)	376	100.0								

Capítulo II – O estudo empírico

GHB (easy lady)	375	99.7	1	0.3		
Outras drogas químicas	372	98.9	4	1.1		
Outra	366	97.3	9	2.4	1	0.3

Relativamente aos efeitos sentidos após o consumo de drogas, apenas 3 dos efeitos (dificuldades em respirar, sensação de ser melhor que os outros e grande apetite sexual) elencados no questionário não foram referidos pelos participantes; “cólicas e/outras dores”, “nervosismo e agitação” e “agressividade” foram mencionados por um elemento e os restantes por dois elementos (cf. Tabela 5).

Importa ainda referir que 0.8% revelou que os efeitos sentidos após o consumo afetaram a sua relação com o/a parceiro/a, sendo que um deles afirmou que a própria personalidade se alterou, ficando mais agressivo, irritadiço, egoísta e impaciente, o que o prejudicou não só com o/a parceiro/a, mas também com os todos os que o/a rodeavam. Outro/a referiu que consumindo, tornava-se mais fácil tolerar os comportamentos abusivos do/a namorado/a (cf. Tabela 5).

Tabela 5
Efeitos sentidos após o consumo de drogas

Efeitos sentidos após o consumo de drogas	Nunca Aconteceu		Aconteceu	
	n	%	n	%
Dor de cabeça	1	0.3	2	0.5
Cólicas e/outras dores	2	0.5	1	0.3
Dificuldades em respirar	3	0.8		
Boca muito seca	1	0.3	2	0.5
Sensação de ser melhor que os outros	3	0.8		
Sono e vontade de dormir	1	0.3	2	0.5
Euforia e muita energia	1	0.3	2	0.5
Nervosismo e agitação	2	0.5	1	0.3
Muita calma e vontade de estar só	1	0.3	2	0.5
Grande apetite sexual	3	0.8		
Agressividade	2	0.5	1	0.3
Inquietação	1	0.3	2	0.5

Capítulo II – O estudo empírico

Já no que diz respeito aos consumos de drogas do/a parceiro/a do inquirido, 23.1% já consumiu pelo menos uma vez, sendo que 0.5% alterou o seu comportamento para com o/a parceiro/a como consequência do consumo, levando ao término da relação e ao descarregar de frustrações e outros problemas na vítima. Todavia a grande maioria (76.9%) continua a não fazer parte deste grupo de consumidores, 1.6% referiu que os seus consumos se devem à influência dos/as parceiros/as, contrariamente aos restantes (21.5%). Quanto à frequência do consumo do/a participante, 1.3% consome raramente drogas e 0.3% consome algumas vezes.

Mais uma vez, o álcool é a apontada como a substância mais consumida pelos/as parceiros/as dos/as inquiridos/as, sendo que 11.7% admitiu consumir 4 ou menos vezes por mês, 6.4% consome 4 ou menos vezes por semana, 4.3% consome 4 ou menos vezes por ano, 0.3% consome 1 vez por dia e apenas 0.5% nunca consumiu esta mesma substância. O haxixe/ cannabinóides destacou-se mais uma vez pelo consumo diário por cerca de 4.0%, 2.4% consome 4 ou menos vezes por semana, 3.5% consome 4 ou menos vezes por mês, 4.8% consome 4 ou menos vezes por ano e 8.5% nunca consumiu. Ainda nos consumos diários registou-se 0.3%, no consumo de Cocaína, Heroína e Benzodiazepinas (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Consumo de substâncias por parte do/a parceiro/a amoroso/a

Substâncias	Nunca consumiu		4 ou menos vezes por ano		4 ou menos vezes por mês		4 ou menos vezes por semana		1 vez por dia	
	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Álcool	2	0.5	16	4.3	44	11.7	24	6.4	1	0.3
Haxixe/ Cannabinóides	32	8.5	18	4.8	13	3.5	9	2.4	15	4.0
Cocaína	80	21.3	4	1.1	1	0.3	1	0.3	1	0.3
Heroína	86	22.9							1	0.3
LSD (ácidos)	82	21.8	4	1.1	1	0.3				
MDMA (ecstasy)	83	22.1	3	0.8	1	0.3				
Crack	87	23.1								
Benzodiazepinas (forgett pill)	85	22.6	1	0.3					1	0.3
PCP (pó de anjo)	87	23.1								
GHB (easy lady)	85	22.6	2	0.5						
Outras drogas	86	22.9	1	0.3						

Capítulo II – O estudo empírico

químicas										
Outra	79	21.0	4	1.1	1	0.3	2	0.5	1	0.3

3.3. Relação entre vivências íntimas abusivas e consumos de substâncias

A realização de testes de associação, mais especificamente o *Qui Quadrado*, para apurar a relação entre os consumos de substâncias e a ocorrência de violência nas relações íntimas não revelou a existência de resultados estatisticamente significativos, tanto para as vítimas ($\chi^2=.267$; $p=.605$) como para os ofensores ($\chi^2=.154$; $p=.695$) (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Relação entre consumo de drogas e comportamentos abusivos

		Consumo de drogas		χ^2
		Sim	Não	
Vitimação	Vítima	30	62	.267
	Não Vítima	101	183	
Perpetração	Ofensor	24	49	.154
	Não ofensor	107	196	

Também a realização de testes de associação (*Qui Quadrado*) para analisar a relação entre o consumo de álcool e a vitimação ($\chi^2=1.562$; $p=.211$) e a perpetração ($\chi^2=.010$; $p=.921$) revelou não existir uma relação estatisticamente significativa (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Relação entre consumo de álcool e comportamentos abusivos

		Consumo de álcool		χ^2
		Sim	Não	
Vitimação	Vítima	79	13	

Capítulo II – O estudo empírico

	Não Vítima	257	27	1.562
Perpetração	Ofensor	65	8	.010
	Não ofensor	271	32	

Mais uma vez, após a realização do teste de associação do qui-quadrado, os resultados obtidos demonstraram ausência de relação estatisticamente significativa entre o consumo de álcool e o género ($\chi^2=.619$; $p=.247$) (cf. Tabela 9).

Tabela 9

Relação entre consumo de álcool e sexo dos participantes

		Consumo de álcool		χ^2
		Sim	Não	
^l Sexo	Feminino	230	29	.247
	Masculino	105	11	

3.4. Perceções dos participantes sobre a violência

Questionados sobre os fenómenos em análise – violência íntima e consumos -, os participantes apresentaram diversos pontos de vista, os quais procuramos agrupar em cinco categorias: causas para o comportamento violento (6 participantes); causas para o consumo de substâncias (8 participantes); atribuições para o comportamento violento (2 participantes); promoção da investigação (9 participantes) e de estratégias preventivas/interventivas (10 participantes).

Assim, de entre as diferentes causas que poderão estar na origem do comportamento violento, os participantes apontaram: a normalização dos ciúmes e da violência (sendo que um dos participantes referiu que “Os ciúmes são normais nas relações, e todos nós, uma vez ou outra nos tornámos mais inseguros... O que leva a ver mais vezes o Facebook e por aí. Não quer dizer que seja com intuito de magoar ou "controlar"

Capítulo II – O estudo empírico

obsessivamente o companheiro” e outro que “Certos comportamentos são considerados como violência como gritar, empurrar e insultar mas nesse caso já toda a gente sofreu de violência domestica.”); a falta de competências pessoais e sociais (onde um dos inquiridos verbalizou o seguinte, “Penso que o consumo de drogas está relacionado com problemas sociais e pessoais, que levam a pessoa em questão a tornar-se mais violenta. Penso que o uso de drogas por si só não está na origem do problema.”); e a influência que as drogas podem ter nas relações amorosas (nomeadamente o álcool, referido por um participante, que o consumo do mesmo muitas vezes piora as situações). Já nas causas para o consumo de substâncias, identificaram: a tendência para a banalização do álcool e outras drogas ilegais (uma vez que os alguns inquiridos afirmaram que “Considerar álcool uma droga é excessivo!”); a influência do/a companheiro/a, visto que “as pessoas, regra geral, são influenciadas pelo seu companheiro. Caso este tenha comportamentos menos corretos, a probabilidade de influenciar a sua cara-metade é maior.”); e o refúgio nas drogas devido a problemas amorosos. No que diz respeito à atribuição do comportamento violento, os participantes procuraram responsabilizar as entidades que vendem bebidas e tabaco a menores de idade (“Não há muito a fazer em relação a este assunto, hoje em dia as crianças que bebem e fumam são imensas e cada vez mais novas, porque existe quem lhes venda e enquanto não pararem isso vai continuar a piorar.”). Sugeriram ainda a necessidade de se promover/desenvolver mais estudos sobre estes temas, dada a sua relevância e potencial nefasto no desenvolvimento dos jovens, bem como a necessidade de se delinearem diferentes estratégias preventivas/interventivas destes fenómenos, como por exemplo, campanhas contra a violência no namoro nas escolas, sensivelmente a partir do 7º ano de escolaridade até ao ensino universitário.

4. Discussão dos resultados

O presente estudo procurou analisar a relação entre a violência nas relações de namoro e o consumo de substâncias, em termos de vitimação e de agressão, bem como conhecer as experiências dos jovens universitários nos seus relacionamentos íntimos e eventuais experiências de consumos de drogas, de modo a compreender melhor esta problemática.

Capítulo II – O estudo empírico

Após apresentar os resultados obtidos é então necessário proceder a uma reflexão crítica dos mesmos, de forma a perceber as concordâncias e divergências com os resultados de outros estudos existentes.

No que diz respeito à violência no namoro, 24.5% dos inquiridos admitiram já terem sido alvo de algum tipo de comportamento abusivo e 19.4% admitiram já terem perpetrado algum tipo de abuso. Estes resultados vão de encontro ao apurado por outros estudos nacionais (Barros, 2014; Caridade, 2011; Caridade, Saavedra, & Machado, 2012; Costa, Machado, & Antunes, 2006; Dixe et al., 2010; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Oliveira, 2009; Santos, 2015; UMAR, 2015) e internacionais (Amar & Gennaro, 2005; Boladale, Makanjuola, Mosaku, Adewuya, Afolabi, Aloba & Akinsulore, 2013; Boladale, Yetunde, Adesanmi, Olutayo & Olanrewaju, 2014; Buzy, McDonald, Jouriles, Swank, Rosenfield, Shimek & Corbitt-Shindler, 2004; Nabors, 2010; Saltzman, et al., 2002; Shorey et al., 2011; Temple & Freeman, 2011). O presente estudo vem também atestar a existência de violência nas relações íntimas juvenis, comprovando uma vez mais a necessidade da sociedade não ficar indiferente a esta situação que carece de intervenção precoce e continuada no tempo.

Apesar dos comportamentos sofridos serem sobretudo ao nível psicológico (insultos 14%, chantagens 13%, gritos 9.3% e controlo do telemóvel e redes sociais 11.2%), as percentagens obtidas são algo alarmantes e comprovam o carácter abusivo inerente às relações amorosas dos participantes deste estudo, dado que estes e outros comportamentos manifestam-se de forma reiterada e em alguns casos evoluem para formas mais severas de violência (Caridade & Machado, 2006). Esta predominância da violência psicológica tem sido encontrada em outros estudos nacionais (Barros, 2014; Dixe et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2005; Santos, 2015; UMAR, 2015) e internacionais (Aldrighi, 2004; Baker & Stith, 2008; Temple & Freeman, 2011).

A violência física assumiu menor expressividade no relato dos participantes, sendo que 4.3% dos inquiridos referiram que foram vítimas de empurrões mais do que uma vez, 3.5% foi alvo de estaladas, 2.1% vítima de objetos voadores atirados pelo/a parceiro/a, apertos de pescoço (0.8%) e pontapés (0.3%) corroborando outros estudos realizados anteriormente (Barros, 2014; Paiva & Figueiredo, 2005; UMAR, 2015).

Capítulo II – O estudo empírico

Nos resultados obtidos foi possível constatar que existiam menos agressores (19.4%) do que vítimas, embora não seja uma diferença muito significativa. Neste caso, os insultos (10.6%) continuam a ser o comportamento abusivo mais frequente, seguindo-se os comportamentos de controlo e revista de telemóvel (7.2%) e redes sociais (7.2%) e de chantagem emocional (5.3%). Comparativamente aos comportamentos reportados pelas vítimas, estes resultados encontram-se em menor número, eventualmente pelo facto destes jovens não quererem admitir todos os seus comportamentos agressivos por saberem que não são de todo corretos, no entanto estes dados não estão de acordo com outros estudos (Barros, 2014; Paiva & Figueiredo, 2005; Santos, 2014)

No que concerne ao consumo de drogas, 34.8% dos estudantes afirmaram que já consumiram algum tipo de droga pelo menos uma vez na vida, contrariamente aos restantes, indo de encontro aos resultados obtidos por Beça (2014), onde 29.9% dos estudantes universitários admitiu já ter consumido drogas. Todavia, o consumo de álcool foi referido por 89.3% dos estudantes, ou seja, quase toda a amostra do estudo, contradizendo as respostas à pergunta anterior. Provavelmente significa que alguns dos jovens universitários não consideram o álcool como sendo uma droga. Seguidamente do álcool, o haxixe/cannabinóides é a substância mais consumida (27%) entre os quais, 2.7% dos jovens afirmaram consumir diariamente a mesma. Mais uma vez os nossos resultados vão de encontro com outros estudos já efetuados em que 23.9% já tinha consumido haxixe/cannabinóides (Beça, 2014). Nas restantes drogas não se registaram valores significativos, o que pode ser derivado às substâncias referidas anteriormente serem mais fáceis de adquirir e mais leves que as outras. No que diz respeito aos consumos dos parceiros dos inquiridos, 23.1% já tinham experimentado o uso de drogas, sendo o álcool novamente a droga mais utilizada, bem como o haxixe/cannabinóides, em que 4.0% dos indivíduos a consomem diariamente.

Concomitantemente, quando procuramos analisar a relação entre o uso de violência nas relações íntimas e os consumos, não obtivemos e contrariamente ao expectável, resultados estatisticamente significativos possivelmente devido às características da amostra e do instrumento utilizado, uma vez que se tratou de um questionário, onde a maior parte das questões eram objetivas. O mesmo se verificou em relação ao padrão de vitimação. Estes resultados não corroboram o evidenciado por

Capítulo II – O estudo empírico

alguns estudos (Baker & Stith, 2008; Fossos, Neighbors, Kaysen, & Hove, 2007; Hove, Parkhill, Neighbors, McConchie, & Fossos, 2010), nomeadamente o estudo de Nabors (2010) onde 35% dos consumidores de marijuana e 57% dos consumidores de tranquilizantes eram mais propensos a envolver-se em comportamentos de agressões físicas do que os não consumidores.

Existem resultados que mostram que 5.9% jovens admitiram consumir drogas devido à influência dos seus/suas parceiros/as, o que vai de encontro com um estudo de Chiapetti e Serbena (2007), uma vez que a maior parte dos consumos se verifica na companhia do/a namorado/a. Um dos inquiridos admitiu ser influenciado indiretamente, pois revelou que o seu consumo facilitava a tolerância dos comportamentos abusivos do/a namorado/a. Relativamente às consequências dos efeitos sentidos após o consumo de drogas, 0.8% revelou que os mesmos afetaram a sua relação com o/a parceiro/a, uma vez que a sua própria personalidade sofreu alterações, na medida em que se tornou mais agressivo, irritadiço, egoísta e impaciente, prejudicando a sua relação e 0.5% alterou o seu comportamento para com o/a parceiro/a como consequência do consumo, levando a descarregar frustrações e outros problemas na vítima e também ao término da relação. Embora sejam pouco expressivos, estes resultados devem ser alvo de uma reflexão, tendo em conta que os consumos acabaram por ter consequências não só para o consumidor, mas como também para o/a seu/sua parceiro/a.

De forma mais específica, procuramos ainda perceber se existiam diferenças de género no que respeita aos consumos de álcool e uma vez mais não se encontraram resultados com relevância estatística e o que poderá ser em parte explicado pelo desequilíbrio da amostra em termos de género (230 raparigas e 150 rapazes). Mais uma vez, os resultados não foram de encontro aos encontrados na literatura, onde Stappenbeck & Fromme (2010) apuraram que havia diferenças de género relativamente ao consumo excessivo de álcool.

Capítulo II – O estudo empírico

5. Considerações finais

A literatura vem demonstrando que as drogas e a violência no namoro estão relacionadas, quer seja a violência física, psicológica e/ou a sexual. A diminuição da qualidade de vida e o bem-estar psicológico, bem como o baixo rendimento académico e abandono escolar, estão também associados a esta problemática. Todavia, o consumo de substâncias tanto é uma causa da violência, como uma consequência da mesma, sendo que no caso específico dos agressores, o uso de drogas altera a percepção que o indivíduo tem da realidade, potenciando o risco de cometer agressões. Já no que diz respeito à vítima, esta refugia-se no consumo devido à violência perpetrada contra si (Saldivia & Vizcarra, 2012).

Desta forma e finda toda esta investigação, é importante tecer algumas conclusões pertinentes. Este estudo teve como objetivo principal analisar a relação entre a violência nas relações de namoro e o consumo de substâncias, em termos de vitimação e de agressão e foi possível concluir que existem práticas abusivas no namoro entre os jovens universitários, bem como consumo de drogas, evidências estas que devem apoiar a elaboração de medidas interventivas junto desta população. Todavia, ao contrário do que outros estudos apontam, não foi possível concluir sobre a existência de uma relação entre violência nas relações íntimas e consumos de drogas. Ainda assim, não será de descuidar a existência de outros dados que parecem sugerir que os consumos são, não raras vezes, despoletados/instigados pelo/a parceiro/a íntimo/a e de que estes podem alterar o seu comportamento, promovendo a agressividade e a violência.

Não obstante as potencialidades do presente estudo, o mesmo não está isento de limites sobre os quais importa refletir e que podem ter até condicionado os resultados obtidos. Assim, destaca-se desde logo o facto da nossa amostra ser de conveniência, envolvendo apenas jovens universitários com limite de idade de 30 anos. Existe também um desequilíbrio em termos de género na mesma, uma vez que a grande maioria são indivíduos do sexo feminino. Acresce ainda a questão de ser um questionário com perguntas devidamente estruturadas que não permitiam o inquirido alongar-se muito nas respostas visto que quase todas elas eram de assinalar opções descritas. Ou seja, tendo em conta que se trata de um estudo quantitativo, não nos permite obter dados mais “ricos” desta problemática. Talvez se o instrumento utilizado fosse um guião de

Capítulo II – O estudo empírico

entrevista, fosse possível retirar mais informações sobre as vivências destes jovens. Porém nesse caso, havia também a possibilidade de o inquirido não se sentir à vontade em relatar as suas experiências, bem como a amostra teria de ser muitíssimo reduzida.

Deste modo, sugere-se que futuras investigações contemplem uma amostra mais equilibrada em termos de género e apostem no desenvolvimento de estudos longitudinais para perceber de que modo é que as relações e as pessoas evoluem neste contexto de consumo de substâncias e de violência no namoro. O conhecimento dos fatores moderadores/mediadores (e.g., a influência das experiências de vitimação precoce, das atitudes legitimadoras do abuso, da regulação emocional, das características pessoais, tais como a depressão, a ansiedade, etc.) da eventual relação entre abuso de substâncias e violência na relação de namoro é uma outra área a explorar, atendendo a que o consumo de substâncias não explicará por si só o recurso à violência (Caridade & Nunes, 2014). Com este estudo pretendemos também que os resultados obtidos possibilitem o desenvolvimento de novas formas de prevenção e de intervenção quer no âmbito do consumo de drogas, quer nas relações de namoro violentas. Assim, revela-se necessário que os programas de prevenção integrem módulos educacionais que procurem abarcar os seguintes aspetos: i) analisar e discutir os efeitos do consumo de álcool e de outras drogas no comportamento agressivo e de que os consumos não poderão servir para desresponsabilizar o uso da agressão; ii) identificar outros fatores de risco que possam interagir com os consumos de drogas (e.g., experiências precoces de vitimação na infância, traços de raiva e hostilidade) e potenciar a violência na intimidade; iii) analisar os riscos dos consumos quando se verifica a maior predisposição para a agressividade; v) analisar de que forma os consumos poderão interferir com a perceção do risco e desta forma potenciar o risco de vitimação (e.g., Shorey et al., 2011).

Capítulo II – O estudo empírico

6. Referências

Agra, C. (1998). *Entre droga e crime. actores, espaços, trajectórias*. Lisboa: Editorial Notícias.

Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6, 105-120.

Amar, A., & Gennaro, S. (2005). Dating violence in college women. *Nursing Research*, 54, 235-242. Alleyne, B., Coleman-Cowger, V., Crown, L., Gibbons, M. & Vines, L. (2011). The effects of dating violence, substance use and risky sexual behavior among a diverse sample of Illinois youth. *Journal of Adolescence*, 34, 11-18.

Anderson C., & Bushman, B. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27–51.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1998). *Manual de Procedimentos*. Lisboa: APAV.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual de Procedimentos*. Lisboa: APAV.

Barros, S. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas*. Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto.

Beça, S. (2014). *Consumo e tráfico de Drogas nas Universidades*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal, Universidade do Porto, Porto.

Baker, C. & Stith, S. (2008). Factors predicting dating violence perpetration among male and female college students. *Journal of Aggression Maltreatment and Trauma*, 17, 227–244.

Bennet, L., & Bland, P. (2008). Substance abuse and intimate partner violence. Harrisburg, PA: VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence.

Capítulo II – O estudo empírico

Bennett, T., & Holloway, K. (2010). *Understanding Drugs, Alcohol and Crime*. Buckingham: McGraw-Hill/Open University Press.

Boladale, M., Makanjuola, R., Mosaku, S., Adewuya, O., Afolabi, O., Aloba, O., & Akinsulore, A. (2013). Impact of intimate partner violence on anxiety and depression amongst women in Ibe-Ife, Nigéria. *Archives of Women's Mental Health*, 16, 11-18. Doi:10.1007/s00737-012-0307-x.

Boladale, M., Yetunde, O., Adesanmi, A., Olutayo, A., & Olanrewaju, I. (2014). Personality profiles and psychopathology among students exposed to dating violence at the Obafemi Awolowo University, Ibe-Ife. (2014). *Journal of Interpersonal Violence*, 30, 168-190. Doi: 10.1177/0886260514532718.

Buzy, W., McDonald, R., Jouriles, E., Swank, P., Rosenfield, D., Shimek, J., & Corbitt-Shindler, D. (2004). Adolescent girls' alcohol use as a risk factor for relationship violence. *Journal of Research on Adolescence*, 14(4), 449–470.

Caridade S. (2011). *Vivências íntimas violentas. Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.

Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24, 485-493.

Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22 (1), 77-104.

Caridade, S., & Machado, C. 2013. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática, *Psicologia*, 27 (1), 91 - 113.

Caridade, S. & Nunes, L. (2014). Dating Violence and Substance Use: Victimization, Aggression and Gender. *Revista Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 6, 191-209.

Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: orientações gerais. *Análise Psicológica*, XXX, 131-142.

Capítulo II – O estudo empírico

Carlson, E., & Sroufe, L. (1995). The contribution of attachment theory to developmental psychopathology. In Cicchetti, D. & Cohen, D. (Eds.), *Developmental processes and psychopathology: Theoretical perspectives and methodological approaches* (pp. 581-617). New York: Cambridge University Press.

Chiapetti, N. & Serbena, C. (2007). Uso de Álcool, Tabaco e Drogas por Estudantes da Área de Saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 303-313.

Chavez, K., O'Brien, B., & Pillon, S. (2005). Uso de drogas e comportamentos de risco no contexto de uma comunidade universitária. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13, 1169-1176

Chiapetti, N., & Serbena, C. (2007). Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 303-313.

Código Penal (2009). *Código Penal*. Porto: Porto Editora.

Coker, A. & Davis, K. (2001). *Impact of intimate violence on men and women: Analysis of the NVAW Survey*. Paper presented at 7th International Family Violence Research Conference. Portsmouth: New Hampshire

Costa, L., Machado C., & Antunes, R. (2006) *Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade*. Braga: Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga.

Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

Dias, M. (2012). *Fatores de risco na delinquência juvenil: o grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.

Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). *A Violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior*:

Capítulo II – O estudo empírico

práticas e comportamentos de violência. Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga.

Doron, R. & Parot, F. (1998). *Diccionario akal de psicología*. Madrid: Ediciones Akal. (Original publicado em 1991).

DuPont, R. (2005). *Cérebro álcool e drogas. O cérebro egoísta: aprender com dependências* (A. André, Trad.). Lisboa, Instituto Piaget. (Original publicado em 1997).

Escohotado, A. (2002). *Historia general de las drogas*. Madrid: Espasa Calpe. 5ªed.

Escohotado, A. (2004). *História Elementar das Drogas*. Antígona Editores Refractários, Lisboa, 1ª ed.

Faupel, C. (1991). *Shooting dope: career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.

Fernandes, L. (1997). *Actores e territórios psicotrópicos: Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto. Disponível em [<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18145>].

Fossos, N., Neighbors, C., Kaysen, D., & Hove, M. C. (2007). Intimate partner violence perpetration and problem drinking among college students: the roles of expectancies and subjective evaluations of alcohol aggression. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 68, 706–713.

Gidycz, C., Warkentin, J. & Orchowski, L. (2007). Predictors of perpetration of verbal, physical, and sexual violence: A prospective analysis of college men. *Psychology of Men & Masculinity*, 8, 79–94.

Goldstein, P. (1985). The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework. *Journal of Drug Issues*, 39, 143-174.

Glass, N, Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *Journal of Clinical Issues*, 32, 227-238.

Capítulo II – O estudo empírico

Hall, D. & Queener, J. (2007). Self-medication hypothesis of substance use: Testing Khantzian's update theory. In: *Journal of Psychoactive Drugs*, 39 (2), 3-12.

Hove, M., Parkhill, M., Neighbors, C., McConchie, J. & Fossos, N. (2010). Alcohol consumption and intimate partner violence perpetration among college students: The role of self-determination. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 71, 78–85.

Howard, D. & Wang, M. (2003). Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. *Adolescence*, 38, 1-14.

Kandel, D. & Logan, J. (1984). Patterns of drug use from adolescence to young adulthood: I. periods of risk for initiation, continued use, and discontinuation. *American Journal of Public Health*, 74 (7), 660-666.

Khantzian, E. (1985). The self-medication hypothesis of addictive disorders: focus on heroin and cocaine dependence. *The American Journal of Psychiatry*, 142, 1259-1264.

Klitzman, R., Greenberg, J., Pollack, L., & Dolezal, C. (2002). MDMA ("ecstasy") use and its association with high risk behaviors, mental health, and other factors among gay/bisexual men in New York City. *Drug and Alcohol Dependence*, 66, 115-125.

Lavoie, F., Robitaille, L., & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships aggression. An exploratory study. *Violence Against Women*, 6, 6-36.

Lee, V. & Hoaken, P. (2007). Cognition, emotion, and neurobiological development: mediating the relation between maltreatment and aggression. *Child Maltreatment*, 12, 281-298.

Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B. & Bowen, E. (2013). Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: an international review. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 159–174.

Lloyd, S., & Emery, B. (1993). Abuse in the family: an ecological, life cycle perspective. In T.H. Brubaker (Ed.), *Family relations: challenges for the future*. Newbury Park, CA: Sage. 129-152.

Capítulo II – O estudo empírico

Lourenço, N & Carvalho, M. (2001). Violência doméstica: conceitos e âmbitos. Tipos e espaços de violência. *Separata. Themis*. Revista da Faculdade de Direito da UNL. Ano II – nº3.

Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenil dating relationship self-reported prevalence and attitudes in Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. Doi: 10.1007/s10896-009-9268-x.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.

Manita, C. (2005). *A intervenção em agressores no contexto da violência doméstica em Portugal: Estudo preliminar de caracterização*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Ed.), *Violência e vítimas de crime*, Vol I: Adultos. Coimbra: Quarteto Editora, 83-126

Matos, M., & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 4 (2), 373-388.

Matos, M. Machado, C. Caridade, S. & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-76.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência* (1ªed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Milanés, Z., Arrieta-Vergara, K., Blanco-Bayuelo, S., Ramos-Martínez, L., Zapata, K. & Rodríguez-Berrio, Y. (2011). Factores psicosociales asociados al consumo de sustancias en estudiantes de una universidad pública. *Revista Salud Pública*, 13(3), 470-479.

Minayo, M. & Deslandes, S. (1998). A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Caderno de Saúde Pública*, 14(1), 35-42.

Capítulo II – O estudo empírico

Nabors, E. (2010). Drug use and intimate partner violence among college students: an in-depth exploration. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1043–1063.

Nunes, L. (2010). *Crime e Comportamentos Criminosos*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Nunes, L. (2010). Delinquência e consumo de drogas: risco, protecção e prevenção. *Revista de Reinserção Social e Prova*, 5, 1-10.

Nunes, L. (2011). *Droga-Crime: (Des)Construções*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Nunes, L. & Jólluskin, G. (2010). *Drogas e comportamentos de adicção: um manual para estudantes e profissionais de saúde* (2ª ed.). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Oliveira, M. (2004) *Comportamento dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. Projecto de Graduação de candidatura ao grau de licenciado em Serviço Social. Porto: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa

Oliveira, M. (2009) *Violência Intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Ciências Forenses. Porto: Universidade do Porto

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.

Parrott, D., Drobles, D., Saladin, M., Coffey, S. & Dansky, B. (2003). Perpetration of partner violence: Effects of cocaine and alcohol dependence and posttraumatic stress disorder. *Addictive Behaviors*, 28. 1587–1602

Peele, S. (1997). Assumptions about drugs and the marketing of drug policies. In Bickel, W. & DeGradpre, R. (Eds.), *Drug policy and human nature: Psychological perspectives on the prevention, management, and treatment of illicit drug abuse* (pp. 119-220). New York: Plenum Press.

Capítulo II – O estudo empírico

Pope, H., Ionescu-Pioggia, M. & Pope, K. (2001). Drug use and life style among college undergraduates: a 30-year longitudinal study. *Am J Psychiatry*, 158, 1519–1521.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.

Ribeiro, M. & Sani, A. (2009). Risco, protecção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa*. 6, 400-407.

Richard, D.; Pirot, S. e Senon, J. (2002). As principais “drogas”. In: P. Angel; D. Richard e M. Valleur. *Toxicomanias* (M. C. Correia, Trad.). Lisboa, Climepsi Editores, pp. 103 – 163 (Original publicado em 2000).

Rothman, E., Reyes, L., Johnson, R. & LaValley, M. (2012). Does alcohol make them do it? dating violence perpetration an drinking among youth. *Epidemiologic Reviews*, 34, 103-119.

Saldivia, C. & Vizcarra, B. (2012). Consumo de drogas y violencia en el noviazgo en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Terapia Psicológica*, 30(2), 43-49.

Saltzman, L., Fanslow, J., McMahon, P., & Shelley, G. (2002). *Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements*. Atlanta, Georgia: Centres for Disease Control and Prevention.

Santos, M. (2015). *Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas ao (des)ajustamento psicossocial*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Porto

Schenker, M. & Minayo, M. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.

Seibel, D. & Toscano, A., (2001). Conceitos básicos e classificação geral das substâncias psicoactivas. In: Seibel, D. e Toscano, A. (Ed.). *Dependência de drogas*. São Paulo, Atheneu, 1-6.

Capítulo II – O estudo empírico

Silva, L., Malbergier, A., Stempliuk, V. e Andrade, A. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista Saúde Pública*, 40 (2), 280-288.

Silva, V. & Mattos, H. (2004) Os jovens são mais vulneráveis às drogas?. In: Pinsky, I. & Bessa, M. (Ed.). *Adolescência e drogas*. São Paulo, Editora Contexto, 31-44.

Shorey, R., Stuart, G. & Cornelius, T. (2011). Dating violence and substance use in college students: a review of the literature. *Aggressive Violent Behavior*, 16(6), 541-550.

Stappenback, C. & Fromme, K. (2010). A longitudinal investigation of heavy drinking and physical dating violence in men and women. *Addictive Behaviours*, 35(5), 479–485, <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2009.12.027>.

Temple, J. & Freeman, D. (2011). Dating violence and substance use among ethnically diverse adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*. 26(4), 701–718.

Tschann, J., Passh, L., Flores, E., Marin, B., Baisch, M. & Wibbelsman, C. (2009). Nonviolent aspects of interparental conflict and dating violence among adolescents. *Journal of Family Issues*, 30, 295-319.

UMAR, Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, J., Oliveira, E. & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Cescontexto*, 14-26.

Walker, L. (1994). *Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington D.C., American Psychological Association.

Anexos

Anexo I

Protocolo de Investigação

Protocolo de Investigação

*Violência no Namoro e Consumos de Substâncias em Jovens Estudantes
Universitários*

Inês Borges
Mestrado em Criminologia
Universidade Fernando Pessoa

Sob Orientação de Prof. Doutora Laura Nunes e Prof. Doutora Sónia Caridade
Universidade Fernando Pessoa

1. Justificação do Projeto

Este projeto de investigação recai sobre a violência no namoro e consumo de drogas em jovens universitários. Segundo a APAV (2011), a violência no namoro é uma ação de violência, que pode acontecer uma ou mais vezes seguidas, perpetrada por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o intuito de obter controlo, domínio e mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. No que diz respeito ao seu enquadramento legal, a violência no namoro pode ser considerada como crime, tal como a Violência Doméstica, previsto no artigo 152º número 1, alínea b) do Código Penal.

A violência nas relações de namoro tem vindo a adquirir grande visibilidade científica e social, sendo considerada como um dos maiores problemas sociais, que afeta muitos jovens. Torna-se pois necessário agir o mais rápido e precocemente possível, procurando compreender melhor este fenómeno para o combater. Tendo em conta que o consumo de drogas entre estudantes universitários é uma realidade atual, pretendemos estudar a relação entre os consumos de drogas e a violência no namoro.

São consideradas drogas todas as substâncias que são administradas por um indivíduo cujo objetivo é obter alterações psíquicas nas suas próprias vivências, provocando dependência (Fernandes, 1997). Contudo, de modo a que droga funcione como um remédio ou um veneno, é necessário ter em conta determinadas variáveis, sendo que, o efeito das drogas varia com a quantidade da substância que é administrada, bem como da sua pureza, circunstâncias envolvidas no seu uso e por último, razões e regras que estão na base da sua utilização (Escotado, 2002).

O álcool é a substância que tem sido mais estudada quando se procura conhecer a relação entre violência no namoro e consumo de drogas, defendendo-se que esta poderá potenciar o comportamento agressivo. Os homens dependentes do álcool são mais propícios a cometerem agressões físicas e sexuais, contrariamente aos que mantêm um consumo regular, que praticam essencialmente agressões psicológicas. Relativamente às mulheres sob influência de álcool, estas praticam agressões físicas (Shorey et al., 2011). Já no que diz respeito à vitimação, tem também sido documentada uma relação entre o álcool e a violência, uma vez que em grande parte desta, quer na física, quer na psicológica, ambos os sexos estão sob influência de álcool, o que nos

levar a concluir que o consumo de álcool é um fator de risco para a vitimação (Shorey et al., 2011).

Posto isto, atendendo a escassez de estudos neste âmbito no contexto português, a presente investigação pretende analisar a relação entre a violência nas relações de namoro e o consumo de substâncias, em termos de vitimação e de agressão. De forma mais específica pretende-se conhecer as experiências dos jovens universitários nos seus relacionamentos íntimos, bem como eventuais experiências de consumos de drogas.

2. Método

O presente estudo será quantitativo, descritivo, correlacional e de autorrelato, recorrendo-se à técnica do questionário.

2.1. Participantes

Para elaborar a presente investigação, é necessário definir a população e amostra em estudo, sendo que a primeira é referente a todos os indivíduos que possuem as características pretendidas, ou seja, jovens universitários. Relativamente à amostra esta restringe-se àqueles que mantenham ou já tenham mantido uma relação de namoro, nos últimos 12 meses à recolha de dados. Assim, a nossa amostra será de conveniência, visto que apenas estudantes que mantenham ou já tenham mantido uma relação de namoro é que poderão participar.

3. Material

Para a realização deste estudo foi elaborado um questionário para o efeito. Optamos por este tipo de instrumento uma vez que nos possibilita inquirir um grande número de pessoas, que nos permite uma melhor caracterização de um determinado grupo (Coutinho, 2014).

Pese embora no contexto português existam já alguns instrumentos especificamente construídos para avaliar a violência no namoro, a verdade é que são ausentes instrumentos específicos que avaliem os consumos e que procurem analisar a relação

entre estes e a ocorrência de violência nas relações de namoro. Neste sentido, optamos por elaborar um questionário (cf. Anexo II) e o qual apresenta três secções: a primeira secção é relativa à caracterização sociodemográfica (e.g., sexo, idade, habilitações literárias, situação relacional dos participantes, entre outros), a segunda secção é destinada a estudar as vivências íntimas abusivas dos jovens nos últimos 12 meses e a terceira secção procura explorar o padrão de consumos de drogas dos participantes, procurando ainda analisar os fatores que estão na origem dos consumos, bem com o impacto que estes poderão ter, na perspectiva dos participantes, nas suas relações íntimas.

4. Procedimentos

Para a realização deste estudo, e tendo por base os objetivos definidos tornou-se necessário elaborar o QVAC - Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos (cf. Anexo II), o qual será submetido aos devidos procedimentos de validação (nomeadamente a realização do pré-teste). Seguiu-se a elaboração do protocolo com toda a informação necessária para submissão do mesmo à apreciação da Comissão de Ética da UFP.

A recolha de dados será efetuada com recurso a uma plataforma *online* – Google Docs – onde será publicado o instrumento e respetivo consentimento informado aos participantes (cf. Anexo I). Inicialmente será explicado o objetivo do estudo em questão, sublinhando também a existência do anonimato e da confidencialidade dos dados fornecidos por estes e que para a participação nesta investigação é necessário o consentimento informado dos participantes, o qual será uma opção de resposta obrigatória (aceita ou não aceita participar na investigação) e só depois passar para os questionários seguintes caso aceite. No final do preenchimento dos instrumentos, os participantes serão confrontados com algumas linhas de apoio, como a APAV e a CIG, a quem podem recorrer para obter o apoio que necessitarem. O conjunto de questionários será posteriormente divulgado através das redes sociais.

5. Análise de dados

O tratamento estatístico dos dados será realizado por computador, através do *Statistical Package for the Social Sciences*(SPSS)versão 21 para *Windows*.

6. Calendarização

Calendarização						
Meses do ano	Revisão da literatura	Preparação do material	Pré-teste do instrumento	Recolha de dados	Tratamento dos dados	Conclusão discussão
Setembro	<input type="radio"/>					
Outubro	<input type="radio"/>					
Novembro	<input type="radio"/>					
Dezembro	<input type="radio"/>					
Janeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>				
Fevereiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>				
Março	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>				
Abril	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	
Maio					<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Junho						<input type="radio"/>
Julho						<input type="radio"/>

7. Referências Bibliográficas

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir. Porto: APAV.

Código Penal (2009). Porto editora, 3.^a Edição.

Coutinho, C. (2014). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. Coimbra: Almedina

Escohotado, A. (2002). Historia general de las drogas (5^a Ed.). Madrid: Espasa Calpe.

Fernandes, L. (1997). Actores e territórios psicotrópicos: Etnografia das drogas numa periferia urbana. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto. Disponível em [<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18145>].

Shorey, R., Stuart, G. & Cornelius, T. (2011). Dating violence and substance use in college students: a review of the Literature. *AggressiveViolentBehavior*, 16(6), 541-550.

Anexo II

Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas e Consumos



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

QUESTIONÁRIO SOBRE VIVÊNCIAS AMOROSAS ABUSIVAS E CONSUMOS - QVAC

Sónia Caridade, Laura Nunes, & Inês Borges – Universidade Fernando Pessoa

INSTRUÇÕES

Esta investigação está a ser desenvolvida pela Universidade Fernando Pessoa, no âmbito do Mestrado em Criminologia pela aluna Inês Borges, sob orientação das Professoras Doutoras Sónia Caridade e Laura Nunes.

Com este questionário pretendemos captar a forma como percebes as relações amorosas em que te envolves e a relação com eventuais consumos de substâncias, legais ou ilegais.

Este estudo dirige-se a jovens universitários que estejam, ou tenham estado, envolvidos numa relação amorosa.

A participação neste estudo é voluntária.

Apenas os investigadores responsáveis terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não coloques o teu nome ou outro dado de identificação em nenhuma das páginas apresentadas.

O preenchimento do questionário demora aproximadamente 10 minutos.

Caso aceites participar, deverás dar o teu consentimento (onde se lê Consentimento Informado).

Questões adicionais sobre o estudo deverão ser dirigidas aos autores, a partir do seguinte endereço de correio eletrónico: 24096@ufp.edu.pt

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro que compreendi o que foi explicado a respeito desta investigação, e aceito participar no estudo intitulado "VIOLÊNCIA NO NAMORO E CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS EM JOVENS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS", da responsabilidade de Inês Borges, da Universidade Fernando Pessoa.

Declaro que, antes de optar pela minha participação, tomei conhecimento dos objetivos do estudo, de todos os aspetos que considere importantes para a minha decisão e do que tenho de fazer para participar. Fui também informado(a) da duração esperada e dos procedimentos do estudo, tendo-me sido dadas garantias de anonimato e de confidencialidade, além de que me foi transmitido o direito que me assiste de recusar participar ou de cessar a minha participação, em qualquer momento, sem quaisquer consequências para mim.

Tendo compreendido todas as informações que me foram dadas a respeito, aceito participar voluntariamente, colaborando com total sinceridade.

1. CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Por favor, lê com atenção as instruções antes de começares o preenchimento e preenche apenas uma vez.

1.1. Sexo

(1) Feminino ____ (2) Masculino ____

1.2. Idade _____ (anos)

1.3. Estado civil

- (1) Solteiro (a) _____
- (2) Casado (a)/União de fato _____
- (3) Divorciado (a)/Separado (a) _____
- (4) Viúvo(a) _____

1.4. Ano de Escolaridade: _____

2. CARACTERIZAÇÃO DA RELAÇÃO

Nesta secção pretendemos conhecer um pouco melhor a tua situação relacional, isto é, se estás ou não envolvido/a numa relação, ou se já estiveste no passado. Em caso afirmativo, gostaríamos ainda que indicasses há quanto tempo dura ou durou essa relação.

2.1 Situação Relacional

- (1) Atualmente, tenho uma relação amorosa. _____
- (2) Atualmente, não tenho qualquer relação amorosa, mas já tive no passado. _____
- (3) Nunca estive envolvido/a em qualquer relação amorosa (a tua colaboração termina aqui!.) _____

2.2 Tipo de relação

(1) Homossexual _____

(2) Heterossexual _____

(3) Bissexual _____

3. CARACTERIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS AMOROSAS

Nesta secção procuramos conhecer as tuas vivências amorosas

3.1. Nas tuas relações amorosas que manténs ou mantiveste, alguma vez SOFRESTE algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) por parte do/a teu/tua namorado/a?

Sim _____

Não _____

3.1.1. Se respondeste SIM, assinala os comportamentos abusivos que SOFRESTE pelo/a teu/tua namorado/a.

	Nunca Aconteceu	Uma única vez	Mais do que uma
a. Insultar			
b. Ameaçar (ex.: usar violência)			
c. Gritar para assustar			
d. Chantagear (ex.: “de que o/a irias deixar”)			
e. Impedir de ter amigos/as ou de falar com eles/as			
f. Impedir de sair com os/as amigos/as			
g. Impedir o uso de determinadas roupas			
h. Dar estaladas			
i. Atirar com objetos			

j. Empurrar			
k. Dar pontapés			
l. Apertar o pescoço			
m. Perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a			
n. Revistar o telemóvel e/ou a mochila			
o. Controlar o email ou redes sociais do/a namorado/a			
p. Pressionar para ter relações sexuais			
q. Forçar a ter contacto sexual			

3.2. Nas tuas relações amorosas que manténs ou mantiveste, alguma vez USASTE algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) para com o/a teu/tua namorado/a?

Sim _____

Não _____

3.2.1. Se respondeste SIM, assinala os comportamentos abusivos que USASTE para com o/a teu/tua namorado/a.

	Nunca Aconteceu	Uma única vez	Mais do que uma
a. Insultar			
b. Ameaçar (ex.: usar violência)			
c. Gritar para assustar			
d. Chantagear (ex.: “de que o/a irias deixar”)			
e. Impedir de ter amigos/as ou de falar com eles/as			
f. Impedir de sair com os/as amigos/as			
g. Impedir o uso de determinadas roupas			
h. Dar estaladas			
i. Atirar com objetos			
j. Empurrar			

k. Dar pontapés			
l. Apertar o pescoço			
m. Perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a			
n. Revistar o telemóvel e/ou a mochila			
o. Controlar o email ou redes sociais do/a namorado/a			
p. Pressionar para ter relações sexuais			
q. Forçar a ter contacto sexual			

4. PADRÃO DE CONSUMO DE DROGAS

Nesta secção procuramos saber se consumes/consumiste drogas e, em caso afirmativo, procuramos conhecer como e quanto consome/consumiste e em que medida isso afetou o teu relacionamento

4.1. Refere se consumes/consumiste droga(s).

Sim _____

Não _____

4.1.2. Se respondeste Sim à questão anterior assinala, da lista seguinte, a(s) droga(s) que consumes ou consumiste (podes assinalar mais do que uma).

	Nunca consumido	4 ou menos vezes por ano	4 ou menos vezes por mês	4 ou menos vezes por semana	1 vez por dia
Álcool					
Haxixe					

Cocaína					
Heroína					
LSD (ácidos)					
MDMA (ecstasy)					
Crack					
Benzodiazepinas (forgett pill)					
PCP (pó de anjo)					
GHB (easy lady)					
Outras drogas químicas (pastilhas)					
Outra					

4.1.3. Assinala se os consumos que fazes/fazias estão/estavam relacionados com a influência do/da teu/tua namorado/a.

Sim _____

Não _____

4.1.4. Se respondeste Sim à questão anterior, assinala com um X a frequência com que essa influência te leva/levava a consumir (Assinala apenas uma resposta).

(1) Raramente

(2) Algumas vezes

(3) Muitas vezes

(4) Sempre

4.1.5. Assinala se esses consumos afetaram o teu comportamento para com o/a teu/tua namorado/a.

Sim _____

Não _____ (Passe para a pergunta 20)

4.1.6. Assinala as alterações/efeitos que sentiste.

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

Dor de cabeça	
Cólicas e/ou outras dores	
Dificuldades em respirar	
Boca muito seca	
Sensação de ser melhor que os outros	

Sono e vontade de dormir	
Euforia e muita energia	
Nervosismo e agitação	
Muita calma e vontade de estar só	
Grande apetite sexual	
Agressividade	
Inquietação	
Outro	

4.1.7. Refere se as alterações/efeitos assinalados na questão 4.1.6. afetaram a tua relação com o/a teu/tua namorado/a.

Sim

Não (Passe para a pergunta 20)

4.1.8. Indica em que medida.

4.2. Refere se o/a teu/tua namorado/a (atual ou do passado) consome/consumia droga(s).

Sim

Não (Passe para a pergunta 29)

4.2.2. Relativamente às drogas que o/a teu/tua namorado/a consome/consumia, assinala a frequência desses consumos para cada uma das drogas assinaladas.

	Nunca consumiu	4 ou menos vezes por ano	4 ou menos vezes por mês	4 ou menos vezes por semana	1 vez por dia
Álcool					
Haxixe					
Cocaína					
Heroína					
LSD (ácidos)					
MDMA (ecstasy)					
Crack					
Benzodiazepinas (forgett pill)					
PCP (pó de anjo)					
GHB (easy lady)					

Outras drogas químicas (pastilhas)					
Outra					

4.2.3. Assinala se os consumos que o/a teu/tua namorado/a faz/fazia estão/estavam relacionados com a tua influência.

Sim

Não (Passe para a pergunta 29)

4.2.4. Assinala a frequência com que essa influência leva/levou o/a teu/tua namorado/a consumir.

(1) Raramente

(2) Algumas vezes

(3) Muitas vezes

(4) Sempre

4.2.5. Assinala se esses consumos afetaram o comportamento do/a teu/tua namorado/a para contigo.

Sim

Não (Passe para a pergunta 29)

4.2.6. Assinala as alterações/efeitos que o/a teu/tua namorado/a sentiu.

(Podes assinalar mais do que uma resposta)

Dor de cabeça	
Cólicas e/ou outras dores	
Dificuldades em respirar	
Boca muito seca	
Sensação de ser melhor que os outros	
Sono e vontade de dormir	
Euforia e muita energia	
Nervosismo e agitação	
Muita calma e vontade de estar só	
Grande apetite sexual	
Agressividade	
Inquietação	
Outro	

4.2.7. Refere se as alterações/efeitos assinalados na questão 4.2.6. afetaram a vossa relação.

Sim

Não (Passe para a pergunta 29)

4.2.8. Indica em que medida.

5. Se há algo a respeito deste assunto de que gostarias de falar/sugerir, faz isso no espaço seguinte.

FIM

A tua participação termina aqui - Muito obrigado pela colaboração!